

A estátua de guerreiro galaico de S. Julião (Vila Verde) *

MANUELA MARTINS

ARMANDO COELHO DA SILVA

Resumo

Os autores dão a conhecer um novo exemplar escultórico de guerreiro galaico descoberto na *citânia* de S. Julião, Vila Verde, em 1981. É feita a análise morfológica da estátua e a leitura e interpretação da epígrafe gravada na *caetra* do guerreiro. É também analisada a funcionalidade deste tipo de estatuária.

Résumé

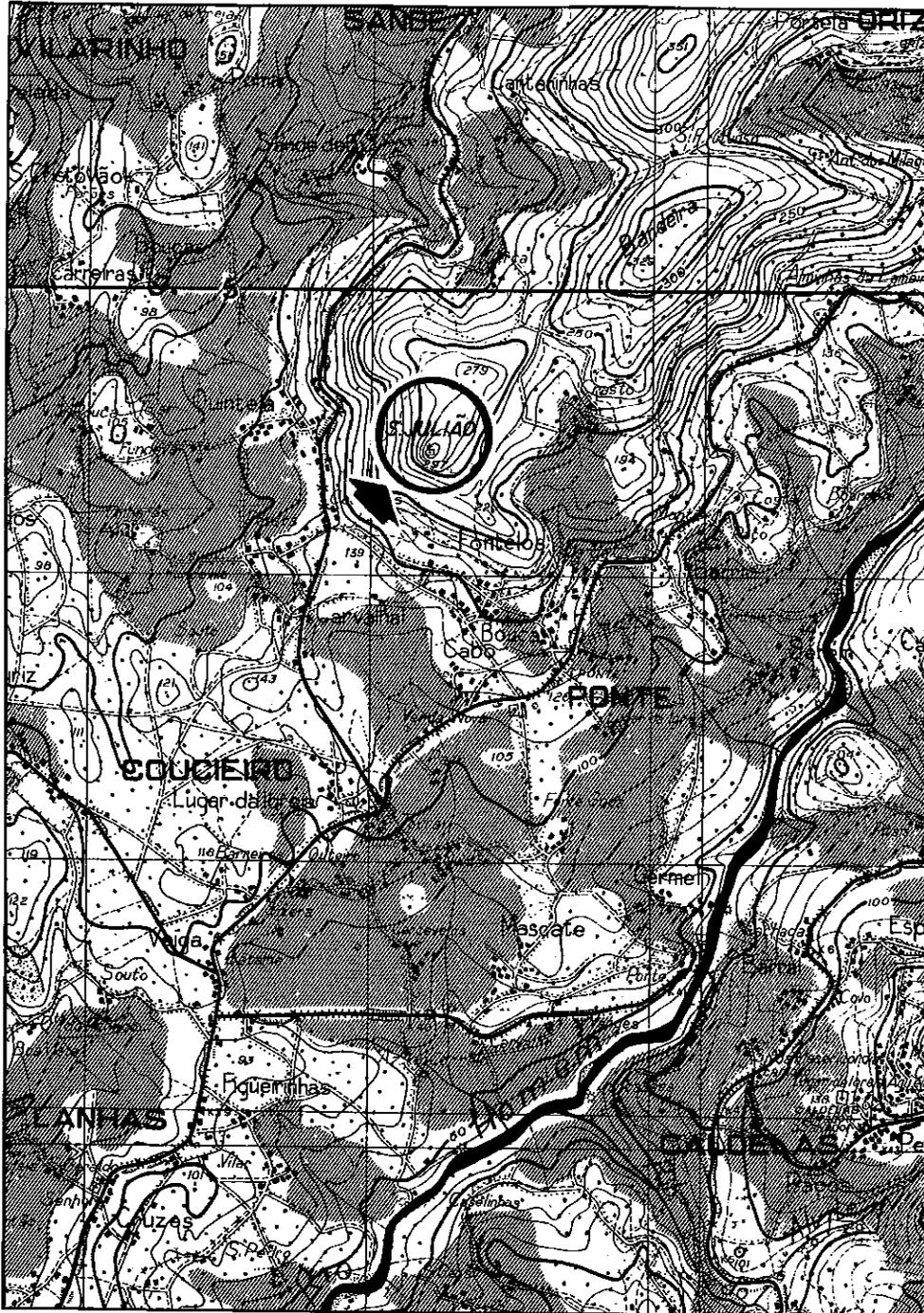
Les auteurs présentent une nouvelle sculpture de guerrier galicien dont on fait l'analyse morphologique ainsi que la lecture et l'interprétation épigraphique gravée dans la *caetra* du guerrier. Le rôle de ce genre de statuaire y est aussi abordé. Cette sculpture a été trouvée dans la *citânia* de S. Julião, Vila Verde en 1981 au cours de travaux archéologiques.

Summary

The authors reveal a sculpture representing a «galizien warrior» uncovered in 1981 at the hillfort of S. Julião, Vila Verde. They give a morphological analyse of the statue and the reading and the interpretation of the text engraved on the warrior's *caetra*, and they also discuss the function that this type of statue might have served.

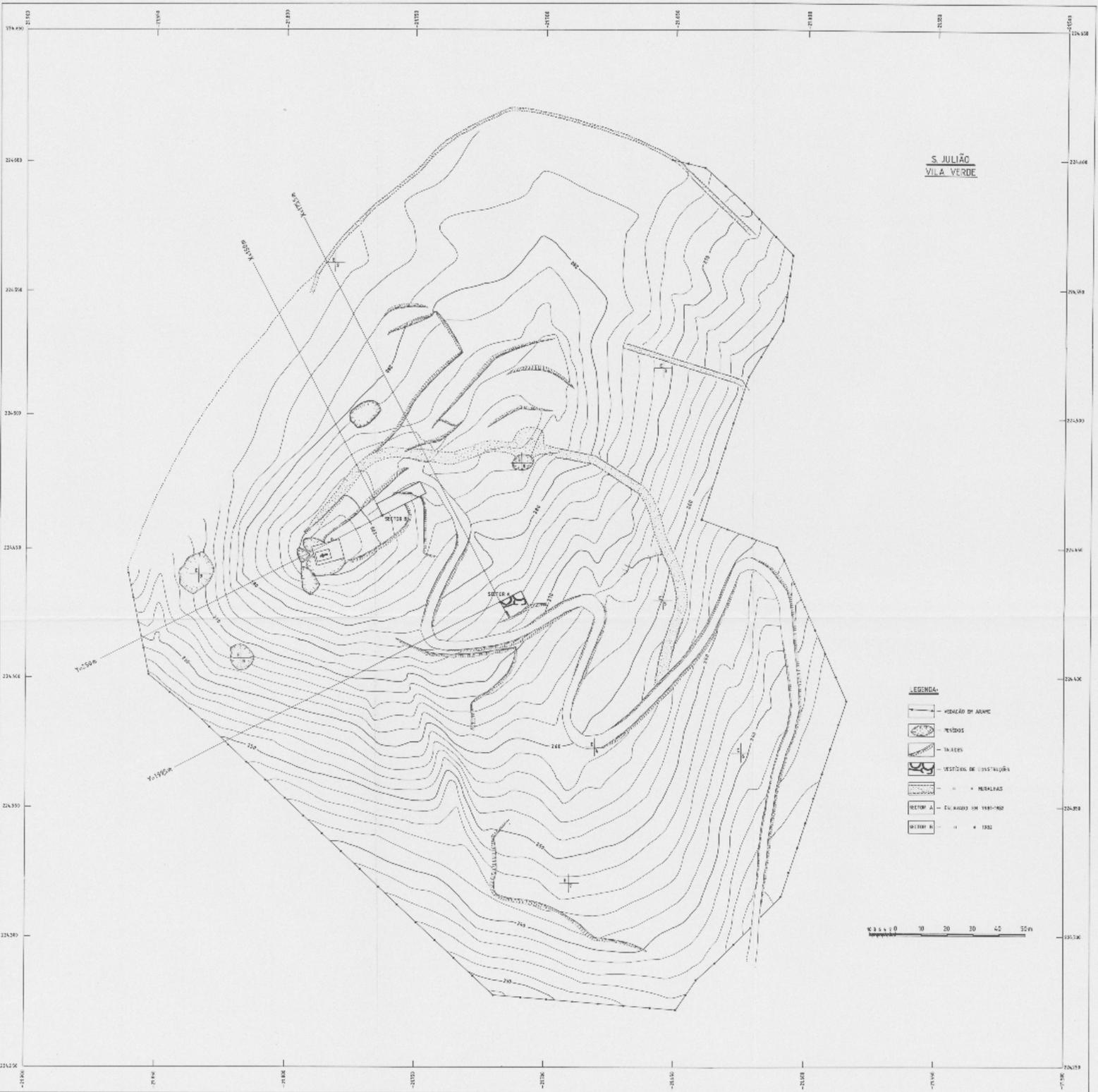
* Desenho do guerreiro: Fernando José Moreira (U. A. U. M.)

Fotografia: Manuel Santos (M. R. D. D. S.) e Armando Coelho da Silva (F. L. U. P.)



Localização da citânia de S. Julião, Vila Verde. (Esc. 1:25 000).

S JULIÃO
VILA VERDE



- LEGENDA:
- MEDICÃO DE ANIME
 - POÇOS
 - LÁZARES
 - ESTRUTURAS DE CIMENTAÇÃO
 - MORF. A - EM ALTO EM 1981-1982
 - MORF. B - " " 1982



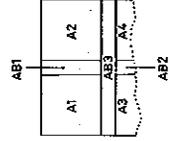
ESTAMPA III

S. JULIÃO - VILA VERDE



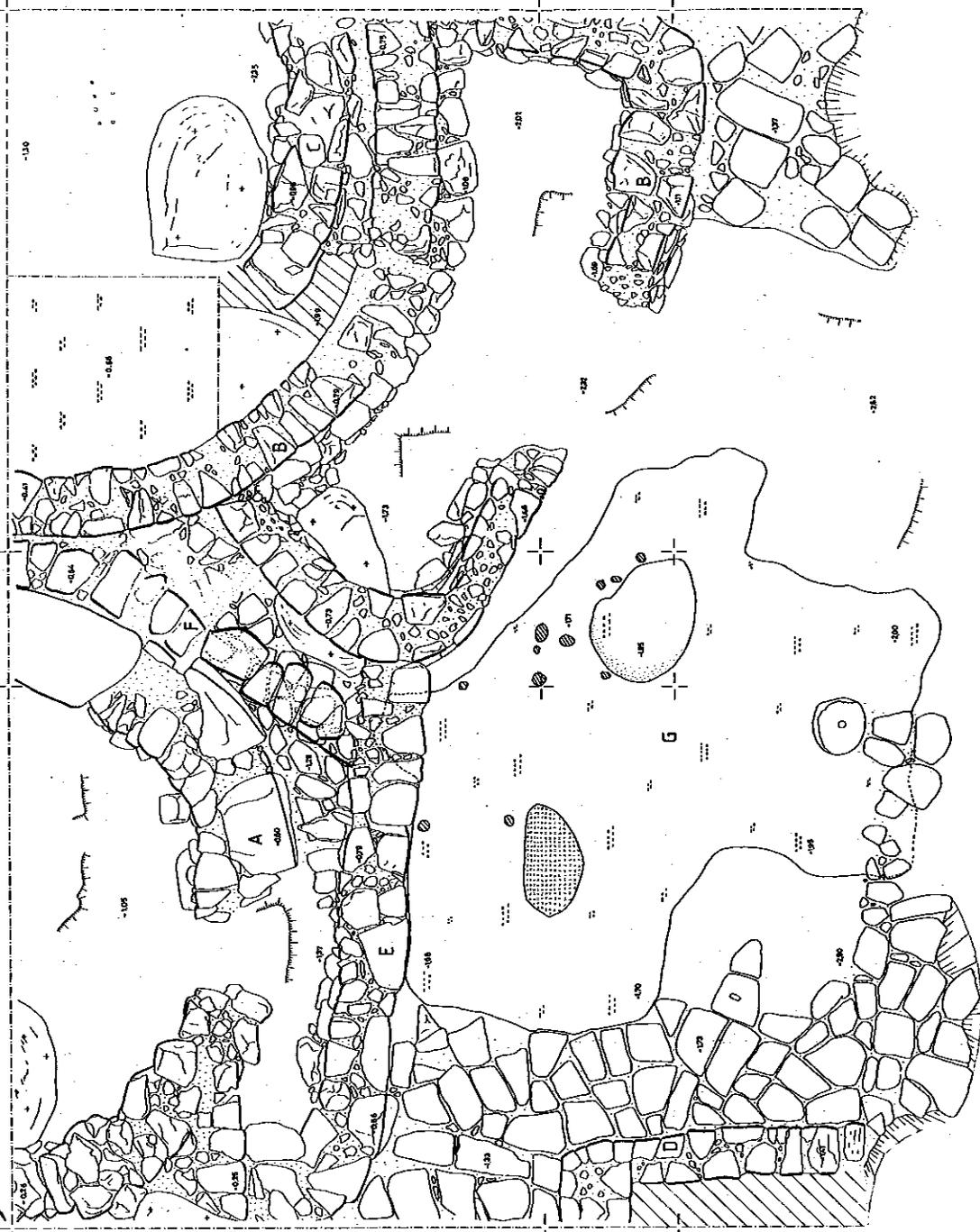
-  Não escavado
-  Argamassa batida (pavimento)
-  Barro vermelho (ladeira?)
-  Buracos de poste
-  Estruturas
-  Pedregos
-  Recortes da rocha

SECTOR A - 1981-1982



X=208,5m

X=199,5m



Y=175,5m

Y=170 m

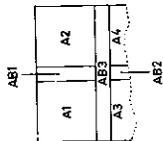


Plano final do conjunto das estruturas exumadas no sector A. (Esc. 1:50).

S. JULIÃO — VILA VERDE



SECTOR A — 1981-1982



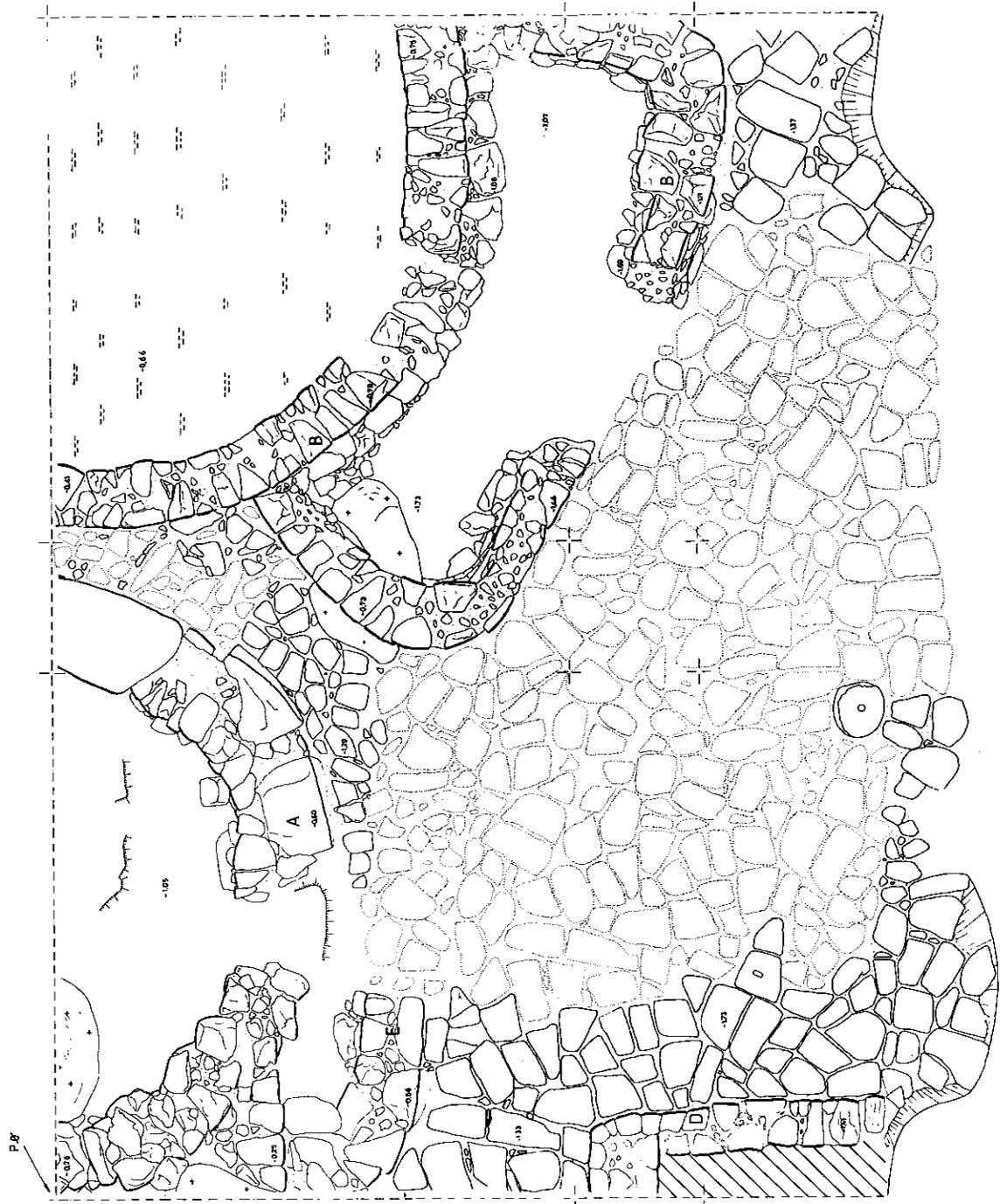
ESTAMPA IV

X = 208,5m

X = 199,5m

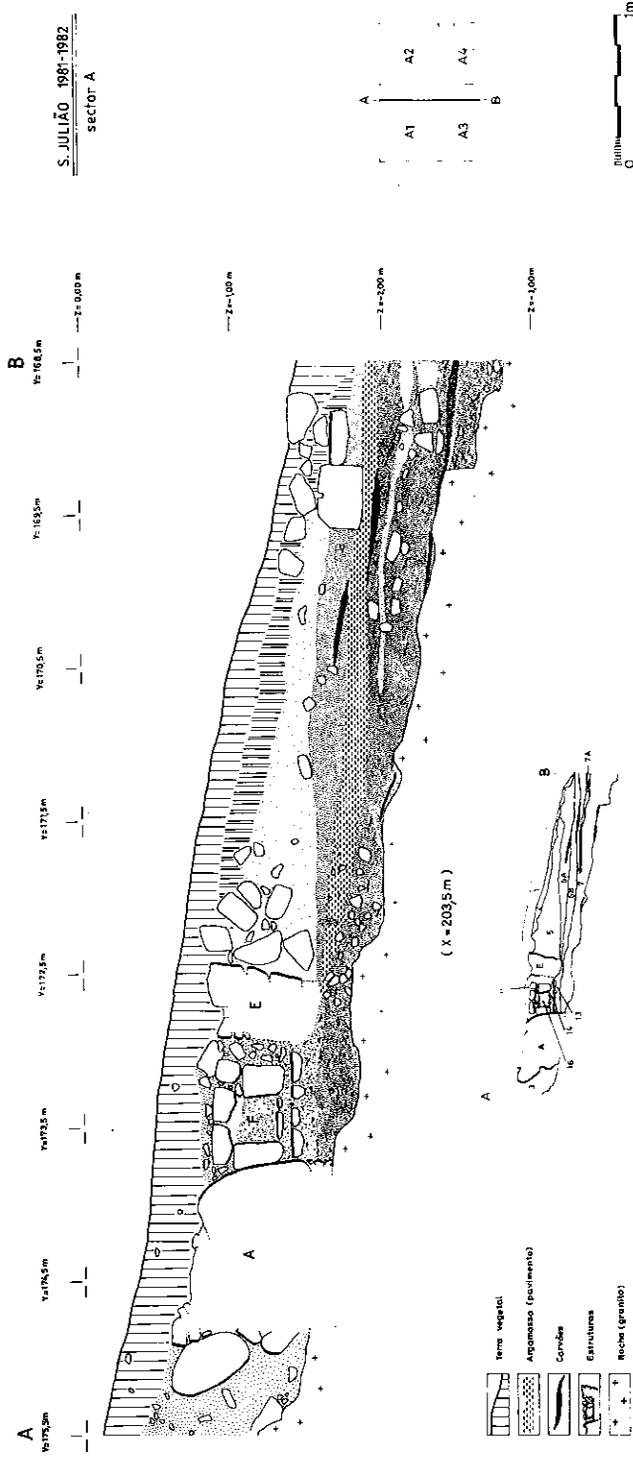
Y = 175,5m

Y = 170 m

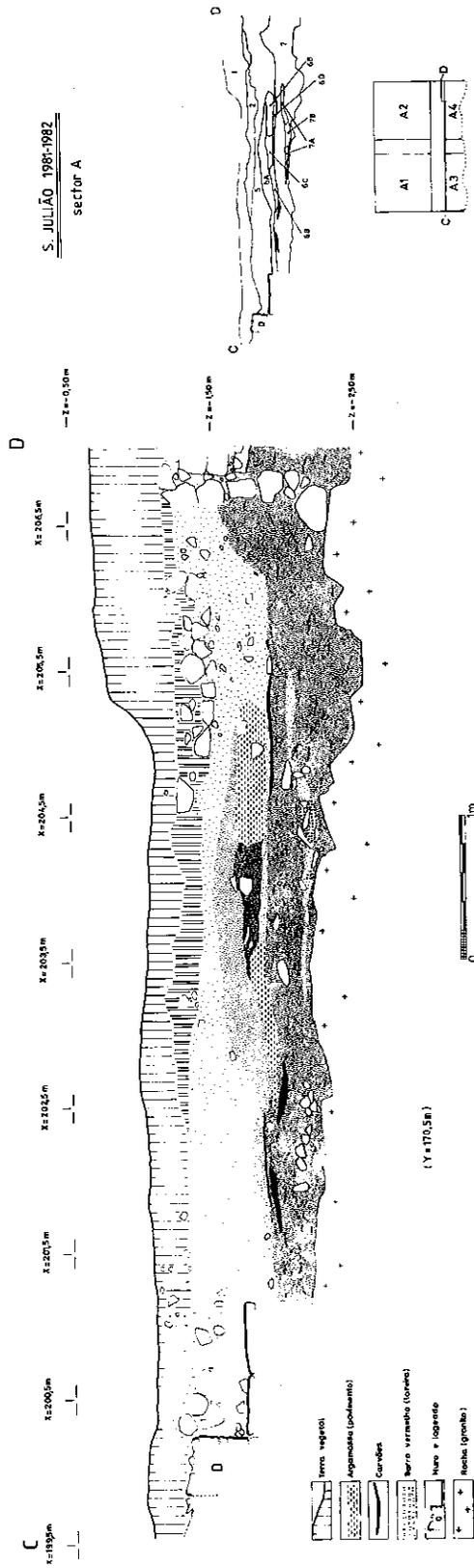


Reconstituição do conjunto das estruturas da fase 3b. (Esc. 1:50).

ESTAMPA V

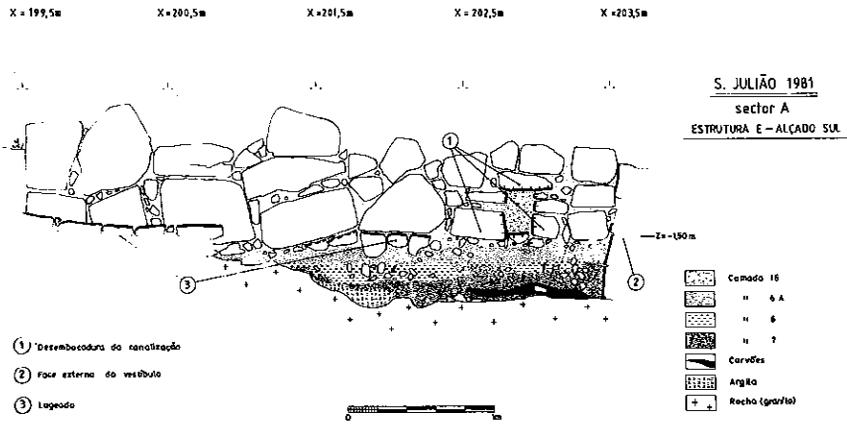


Leitura estratigráfica do corte A B. (Esc. 1:50).

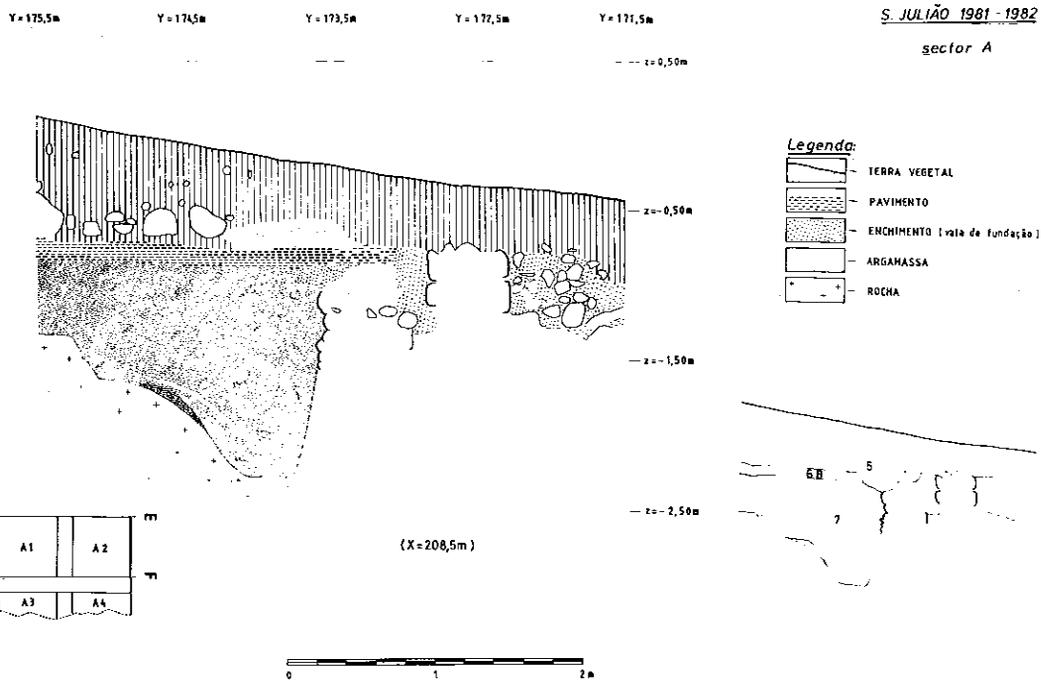


Leitura estratigráfica do corte C D. (Esc. 1:50).

ESTAMPA VII

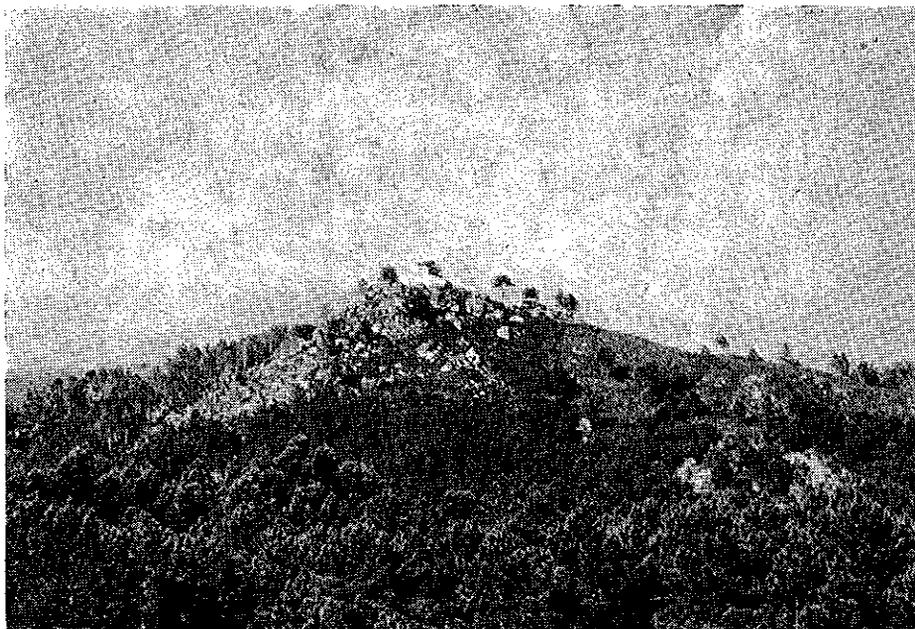


1 Alçado da estrutura E. (Esc. 1:50).



2 Leitura estratigráfica do corte E F. (Esc. 1:50).

ESTAMPA VIII



1 Panorâmica da citânia de S. Julião.

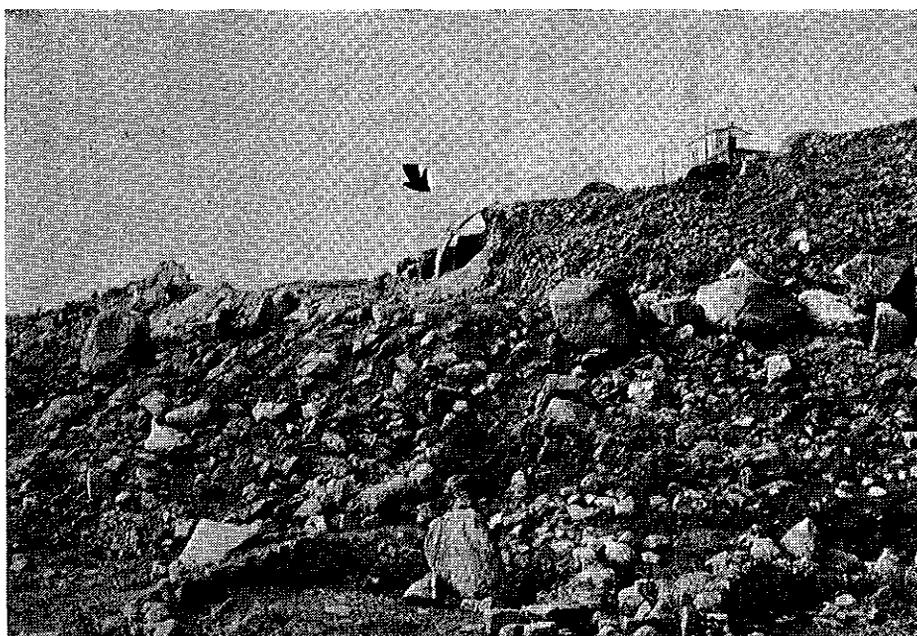


2 Perspectiva do conjunto das ruínas de uma das plataformas escavadas pelo Padre João de Freitas, depois de limpas e consolidadas.

ESTAMPA IX



1 Panorâmica de outro sector da citânia, escavado pelo Padre João de Freitas.



2 Perspectiva do sítio da escavação.

ESTAMPA X



1 Panorâmica da área escavada.



2 Aspecto da Zona A2: estruturas B e C.

ESTAMPA XI

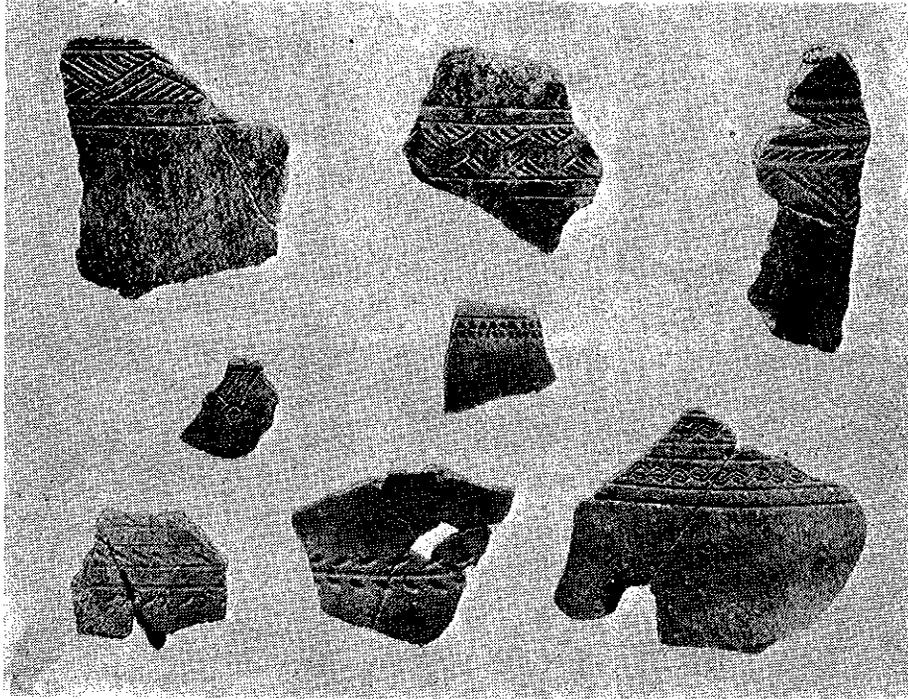


1 Alçado da estrutura E, sendo visível à direita a canalização.

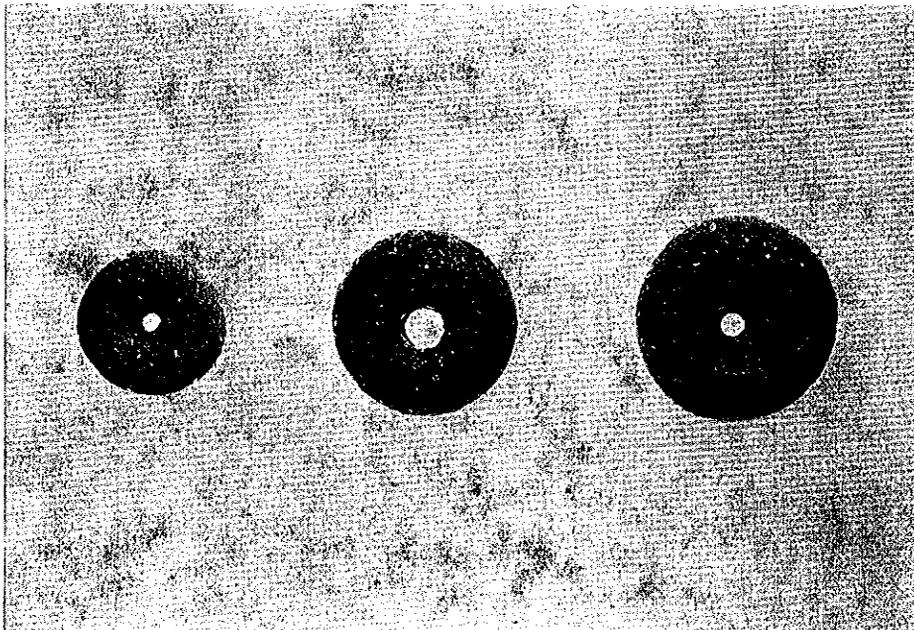


2 Pormenor do corte da canalização (estrutura F).

ESTAMPA XII

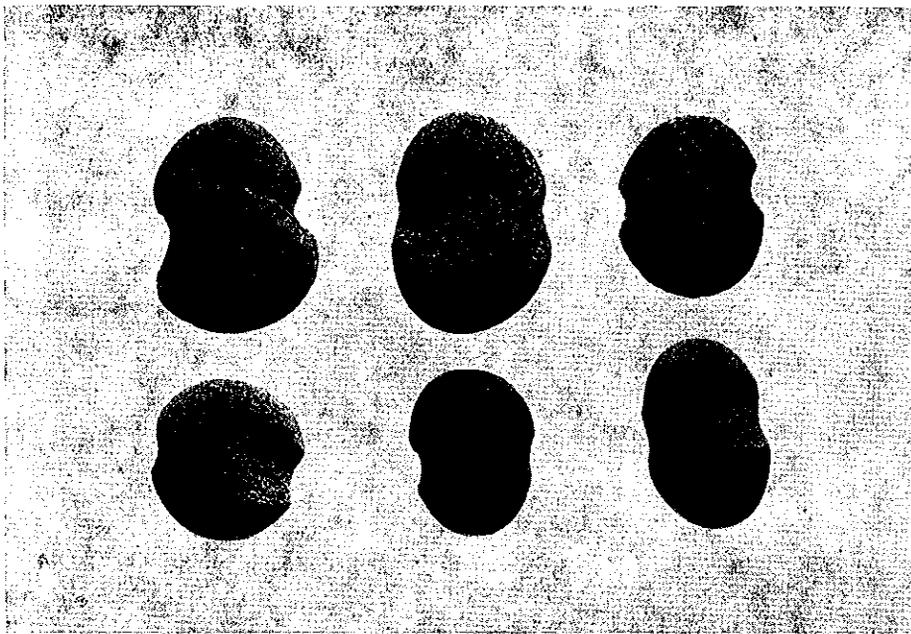


1 Fragmentos de cerâmica decorada provenientes da camada 7. (Esc. 1:3).

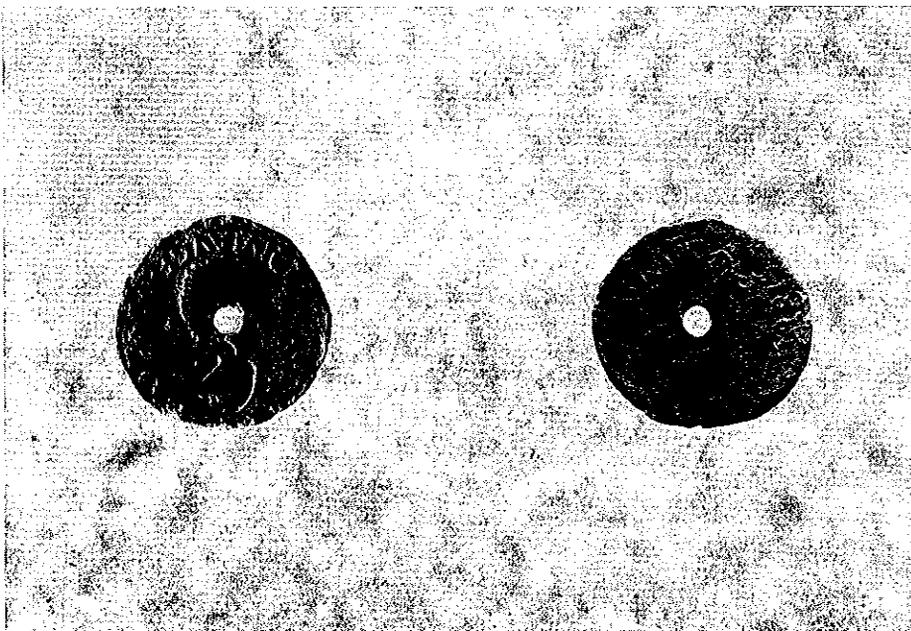


2 Fusaiolas exumadas na camada 7. (Esc. 1:1).

ESTAMPA XIII

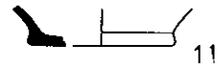
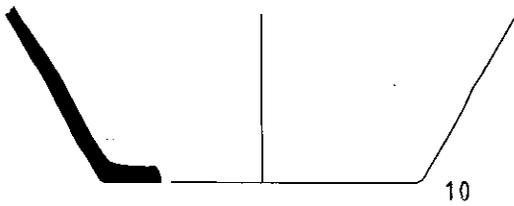
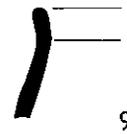
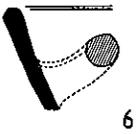
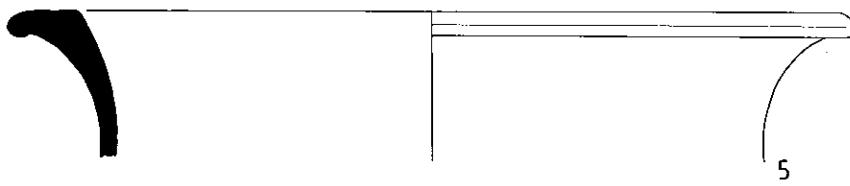
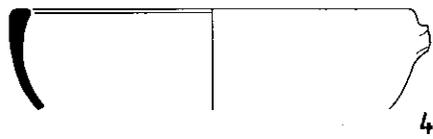
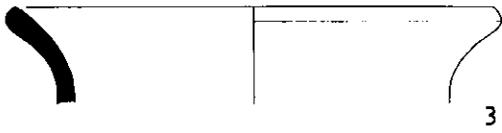
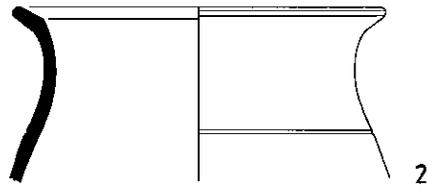
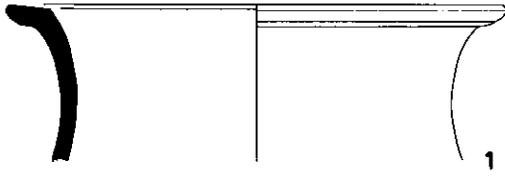


1 Pesos de rede da camada 7. (Esc. 1:2).



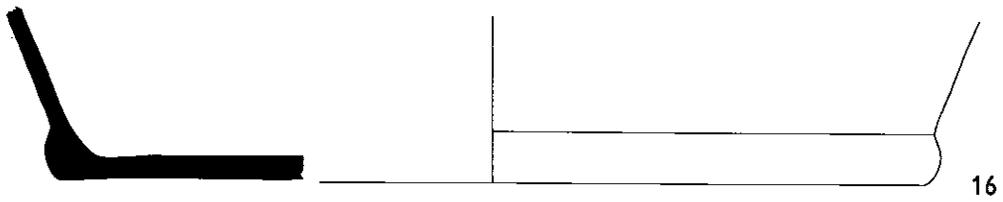
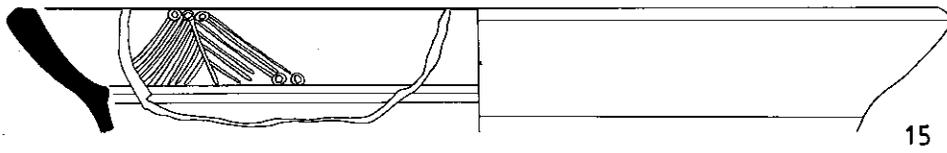
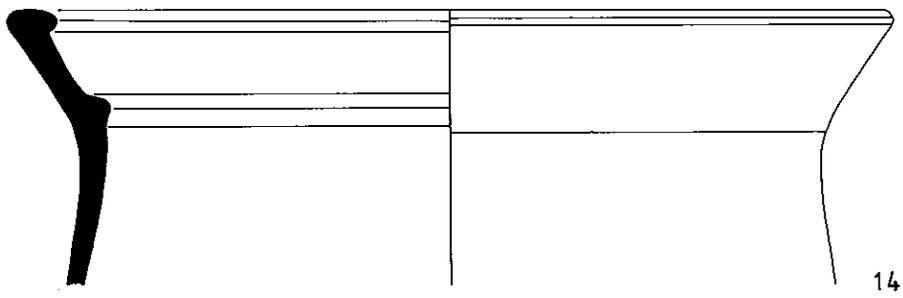
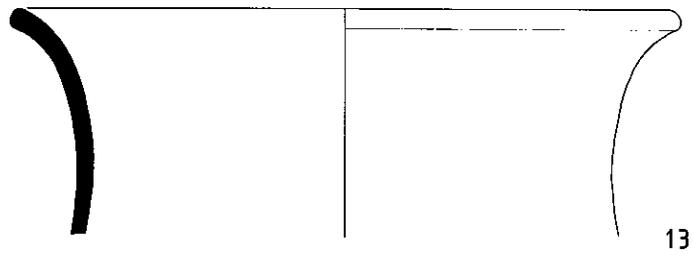
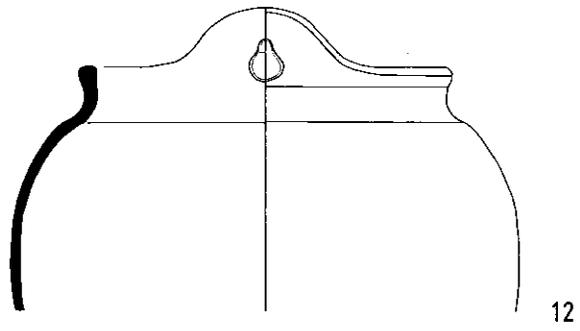
2 Moeda de bronze da camada 5. Anverso e reverso. (Esc. 1:1).

ESTAMPA XIV



Camada 7. (Esc. 1:3).

ESTAMPA XV

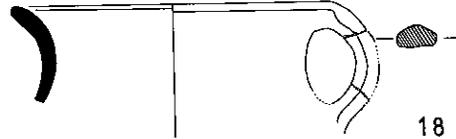


Camada 6A. (Esc. 1:3).

ESTAMPA XVI



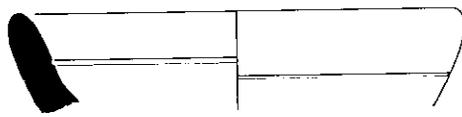
17



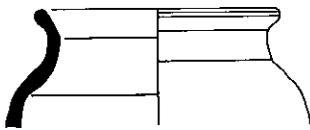
18



19



20



21



22

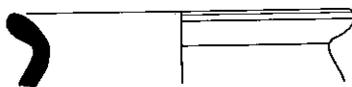
EV. PA



23



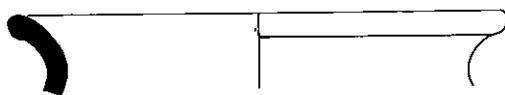
24



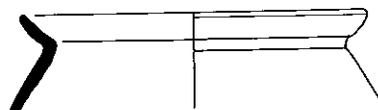
25



26



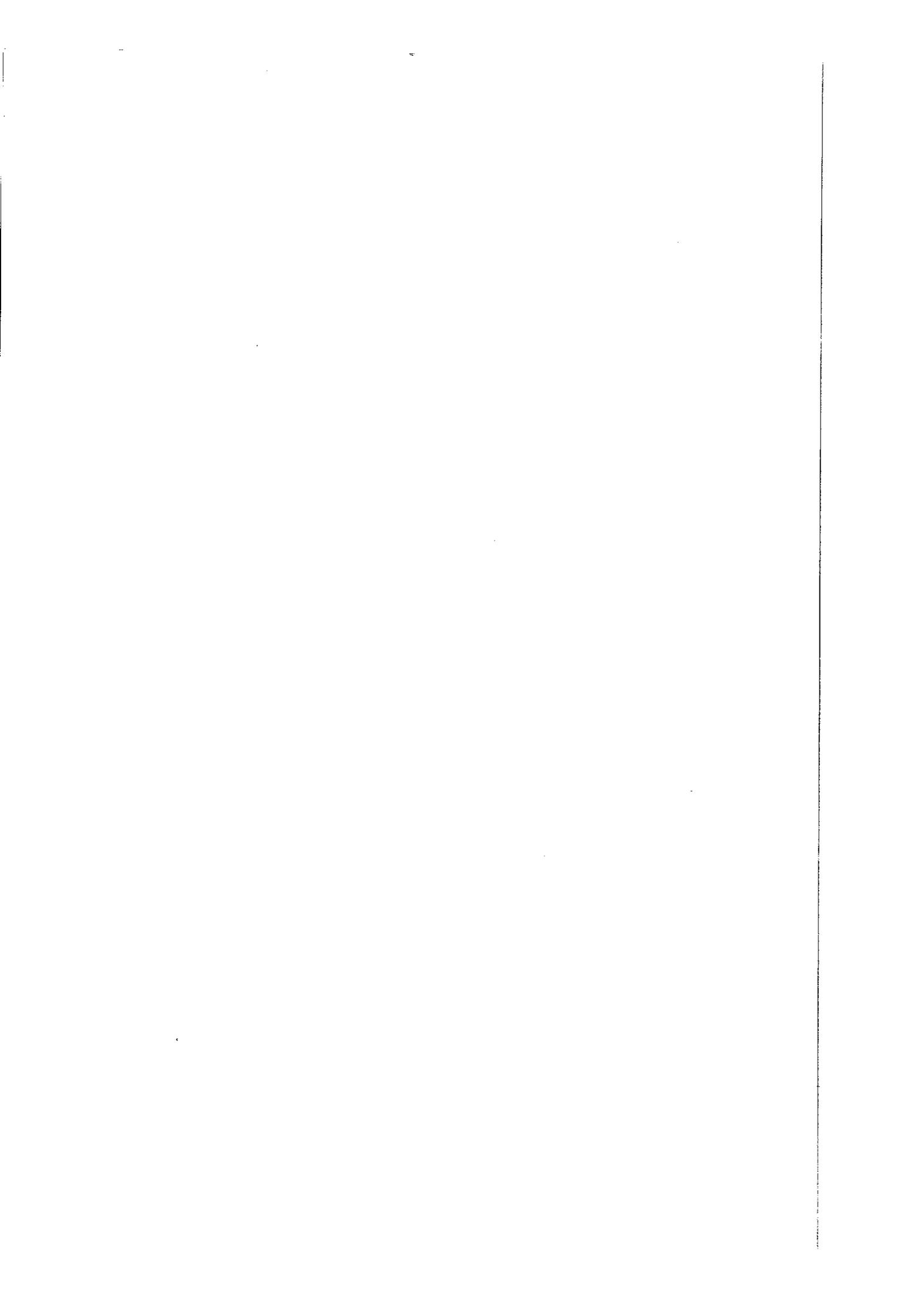
27



28

Camada 5: 17 a 22 (Esc. 1:3).

Camada 1: 23 e 24 (Esc. 1:2); 25 a 28 (Esc. 1:3).



0. Introdução *

A Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho iniciou em 1981 o estudo da citânia de S. Julião em Vila Verde, integrado num projecto de investigação sobre o povoamento proto-histórico e a romanização do curso médio do rio Cávado¹.

Em Outubro desse ano, quando decorriam os primeiros trabalhos de escavação no povoado, foram descobertos acidentalmente, num monte de pedras de uma das plataformas da estação, dois fragmentos de uma estátua de granito representando um guerreiro galaico².

As características do sítio do achado, local onde se acumulavam os entulhos das escavações realizadas nessa plataforma pelo Padre João Martins de Freitas, nos anos 30, permitem admitir que os fragmentos foram revolidos pela escavação, tendo então passado completamente despercebidos³.

Este novo exemplar da escultura antropomórfica galaica⁴ revela características morfológicas e decorativas semelhantes às dos seus congéneres conhecidos na região de Entre Douro e Minho. Sobre o escudo do guerreiro foi lavrada uma inscrição latina. A sua leitura e interpretação é apresentada por Armando Coelho no ponto 3 deste trabalho.

* Este trabalho que constitui uma homenagem dos signatários a Martins Sarmento, grande pioneiro da investigação arqueológica, foi apresentado ao III Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, realizado em Guimarães em Junho de 1982. O atraso verificado na publicação das respectivas actas justificam a sua inclusão neste número da revista *Cadernos de Arqueologia*.

¹ Este projecto é da responsabilidade de Maria Manuela dos Reis Martins, assistente da Universidade do Minho.

² Os fragmentos foram encontrados por alguns elementos da equipa de escavação (Luís Fernando Fontes, Sophie Delavis e António Viana de Araújo), no decorrer de uma prospeção nas plataformas do povoado.

³ João Martins de Freitas foi, nesta década, Pároco da freguesia de Caldelas, no concelho de Amares, vizinha da freguesia da Ponte de S. Vicente onde se localiza a Citânia. O seu interesse por esta estação concretizou-se em várias escavações realizadas em duas das plataformas do povoado que viria por isso a ser conhecido como Citânia de S. Julião de Caldelas.

⁴ O guerreiro de S. Julião integra-se num grupo escultórico, cuja tipologia está circunscrita a uma área que corresponde à província portuguesa do Minho e ao Sul da Galiza, sendo a cabeça de Vilarelhos (Alfândega da Fé) o seu achado mais levantino (SANTOS JUNIOR, 1978, 348-350).

1. A estação

A citânia de S. Julião ergue-se no monte do mesmo nome, limite das freguesias da Ponte (também conhecida por Ponte de S. Vicente) e de Coucieiro.

A localização privilegiada do povoado, num dos relevos mais proeminentes da região do baixo curso do rio Homem, é reforçada pelas defesas naturais do monte determinadas, excepto a NE, por vertentes abruptas que pendem sobre os extensos vales circundantes.

O povoado é limitado por um conjunto de 3 muralhas, existindo a NE uma 4.^a fortificação. Os vestígios de construções recortam-se com frequência à superfície do solo, dispersos por várias plataformas, inter-muralhas.

A citânia de S. Julião, que constitui uma das mais notáveis estações arqueológicas da região de Braga, é referida na bibliografia da especialidade, quer pela sua localização favorável, quer pelos vestígios culturais que revela: troços de muralhas bem conservados, restos de habitações e espólio abundante⁵.

As escavações realizadas pelo Padre João Martins de Freitas⁶ puseram a descoberto duas vastas áreas residenciais, localizadas em duas plataformas da vertente Leste do monte, que patenteiam um conjunto de vestígios arquitectónicos e urbanísticos monumentais.

O local do povoado onde foram descobertos os fragmentos do guerreiro situa-se num dos sectores escavados (Est. I-1 e 2) e corresponde a uma das plataformas médias do monte, parcialmente circundada pela 2.^a linha de fortificações.

O abundante espólio exumado nas antigas escavações da citânia, dispersou-se, tendo sido apenas salvaguardados os materiais que recolheram ao Museu do Seminário de Santiago, em Braga. A colecção de objectos aí existente, apesar de não ser possível determinar a área exacta de proveniência dos achados, não deixa dúvidas sobre a forte romanização dos sectores escavados.

Os dados cronológicos arqueologicamente mais seguros sobre a citânia, resultam sobretudo das intervenções aí realizadas nos dois últimos anos pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e permitem inferir uma longa ocupação deste povoado fortificado, iniciada provavelmente nos finais da Idade do Bronze ou inícios da Idade do Ferro, prolongando-se, pelo menos até ao século III da nossa era⁷.

⁵ Dos autores a que ela se referem, salientamos entre outros: Carvalho da COSTA, (1868, 216); Pinho LEAL, (1874, 44); Albano BELINO (1909, 6); Joaquim FONTES (1919, 198) e F. LOPEZ CUEVILLAS, (1953, 237).

⁶ A única notícia publicada sobre os seus trabalhos nesta Citânia, constitui uma homenagem póstuma a este arqueólogo, feita por Octávio da Veiga Ferreira (FREITAS, 1971, 133-138).

⁷ Estes elementos estão ainda inéditos e serão objecto de futura publicação monográfica

2. Descrição morfológica

2.1. Características formais

O guerreiro de S. Julião foi talhado a partir de um bloco único de granito biotítico porfiróide, de grão médio a fino, granito característico da região de Braga e Vila Verde (TEIXEIRA *et alii*, 1975). No entanto, o estudo comparativo das amostras de granito do guerreiro e dos granitos dos afloramentos do monte onde assenta o castro, permitiu determinar que o bloco foi trazido de outro local indeterminado da região⁸.

A superfície da escultura apresenta-se fortemente meteorizada, acusando uma longa exposição aos elementos erosivos naturais. Os dois fragmentos da estátua perfazem juntos a altura máxima de 1,50 m⁹ e permitem reconstruir a maior parte do monumento original (Est. II). Nos fragmentos recuperados assinalam-se fracturas nas extremidades, no pescoço e aproximadamente à altura dos joelhos, apresentando-se a perna direita ligeiramente mais comprida que a esquerda. Outra fractura destruiu parte do peito, ombro e braço direitos do guerreiro.

Do ponto de vista formal este exemplar revela o modelo anatómico comum à estatuária antropomórfica indígena¹⁰ que surge associada à ocupação dos castros¹¹. Os braços acompanham o corpo numa posição rígida, terminando em mãos toscamente esculpidas que se fecham, a direita no punho de uma arma embainhada e a esquerda no rebordo do escudo redondo. As pernas são robustas e a direita apresenta a característica rótula que assinala o joelho, constituindo um dos poucos pormenores anatómicos destas esculturas.

O que resta do pescoço permite admitir que este, adelgaçando-se acima da linha dos ombros, suportava uma cabeça bem demarcada do tronco.

⁸ Agradecemos ao Professor Doutor José Lopes Nunes e à Dr.^a Graciette Dias, docentes da Área de Ciências da Terra da Universidade do Minho, a sua colaboração na recolha das amostras, bem como a interpretação das lâminas delgadas, feitas no Fundo de Fomento Mineiro do Porto.

⁹ As dimensões médias da escultura, apesar de fracturada, colocam-na, comparativamente com as outras conhecidas, entre os exemplares menos robustos desta estatuária.

¹⁰ A execução destas estátuas parece obedecer a um modelo estereotipado de representação (LOPEZ CUEVILLAS, 1951, 184-185). As diferenças entre elas são de pormenor. Distinguem-se especialmente pela maior ou menor estatura, pela presença ou ausência de decorações nas vestes ou ainda pelo tipo de cinturão.

¹¹ A maior parte das esculturas de guerreiros conhecidas foi encontrada em castros ou nas suas imediações, pelo que é óbvia a articulação desta estatuária com a ocupação dos povoados fortificados. No entanto, as circunstâncias fortuitas que têm caracterizado a generalidade dos achados impossibilitam ainda uma atribuição cronológica rigorosa para estas representações.

O peito e as costas do guerreiro apresentam um sulco vertical que se encontra também noutros exemplares¹², sendo interpretado como figurando a articulação da couraça (PEREIRA, 1915, 8).

2.2. Vestuário

Uma das características iconográficas das estátuas de guerreiros galaicos é a representação de uma túnica curta, ou saio, cingida por um cinturão (LOPEZ CUEVILLAS, 1953, 365). Este traje ostenta, por vezes, motivos ornamentais, lavrados no granito por incisão, os quais revelam grande uniformidade decorativa e que parecem querer reproduzir a veste original dos guerreiros (TRANOY, 1981, 113)¹³.

O guerreiro de S. Julião constitui, apesar da alteração superficial do granito, um dos exemplares em que a decoração da túnica se apresenta melhor conservada. Um largo cinturão sobre a anca separa duas zonas distintamente decoradas da vestimenta que remata em V no pescoço. A decoração lavrada na parte superior da túnica é constituída por quatro séries verticais de SS interligados¹⁴, duas de cada lado do sulco longitudinal, que passam sobre o ombro e rematam horizontalmente sobre o cinturão e o escudo (Est. II e III).

Entre as fiadas de SS, quer na frente, quer nas costas, existem pequenos quadriláteros que preenchem de forma mais ou menos geométrica os espaços livres deixados pela decoração vertical.

Este mesmo motivo é reproduzido na parte frontal da escultura, sobre o peito. Assim, logo abaixo do remate da gola da túnica, entre as fiadas de SS, desenham-se sobre o sulco peitoral, duas composições geométricas interligadas, cada uma com três losangos inscritos.

O espaço abaixo do cinturão revela uma decoração reticulada igual à que se encontra no troço do guerreiro de Cendufe (Arcos de Valdevez) (PEREIRA, 1908, Fig. 4)¹⁵. Em cada espaço geométrico definido pelo cruzamento das linhas oblíquas inscrevem-se pequenas figuras losangulares análogas às que existem na

¹² Este sulco vertical é conhecido na maioria das estátuas. Citamos algumas: S. Paio de Meixedo (Viana do Castelo); Lesenho e Campos (Boticas), erradamente consideradas de Montalegre; Santa Comba (Cabeceiras de Basto); Capeludos (Vila Pouca de Aguiar).

¹³ Até ao momento os exemplares melhor conhecidos revelando decorações lavradas na vestimenta eram os de Campos (Boticas) e Cendufe (Arcos de Valdevez) divulgados por Félix Alves Pereira (PEREIRA, 1908, 203-244 e 1915, 1-16).

¹⁴ Esta decoração em SS interligados é designada por F. Alves Pereira de ornatos em postes (PEREIRA, 1915, 10) e aparece pelo menos numa das estátuas de Campos (Boticas) (PEREIRA, 1915, Est. II), no exemplar de S. Paio de Meixedo (Viana do Castelo) (PEREIRA, 1915, 3, Fig. 2) e ainda numa das de Lesenho (Boticas) (PEREIRA, 1915, 4).

¹⁵ Encontram-se também motivos reticulados nas túnicas dos guerreiros de Campos, num dos de Lesenho (Boticas) e ainda na estátua de Mózinho (Penafiel) (PAÇO, 1966, Fig. 1), embora esta reproduza o mesmo motivo executado com uma técnica diferente.

parte superior da túnica. Verifica-se assim uma articulação dos padrões ornamentais, entre as duas zonas lavradas da indumentária do guerreiro.

O cinturão é definido por dois toros paralelos em relevo ligados por passadeiras¹⁶ e remata nas costas por um florão ornamental com suástica flamejante de duplo toro.

A semelhança da maior parte das estátuas congêneres, o guerreiro de S. Julião exhibe em cada braço, sobre os bíceps nus, um par de braceletes, ou um único de duplo toro.

No pescoço não existe qualquer evidência do torques representado noutras esculturas.

2.3. Armamento

A estátua de S. Julião ostenta o tradicional escudo redondo côncavo (*caetra*) e um pequeno punhal triangular.

O escudo do guerreiro, mais alto (0,45 m) que largo (0,35 m), recorta-se a meio corpo, apenas cingido no rebordo pela mão esquerda, não se verificando vestígios de correias de suspensão no antebraço¹⁸. Ao centro desta arma defensiva desenha-se um *umbo* semiglobular emoldurado em alto-relevo (Est. II e III).

A mão direita do guerreiro segura o punho boleado de uma arma curta, de folha larga, provavelmente de duplo gume, que se encontra embainhada. As suas dimensões, considerando a bainha, são: altura: 0,46 m; largura: 0,08 m¹⁹. O punhal está suspenso do cinturão por duas correias em relevo, que encontram paralelo no guerreiro de Santa Comba de Refojos de Basto (Cabeceiras de Basto).

A bainha está bem representada possuindo uma ponteira em esfera. Entre os espaços das presilhas desenha-se uma ornamentação que pode pretender reproduzir, ou aplicações, ou enfeites da bainha (Est. II e III). Esta decoração não existe nos restantes exemplares conhecidos desta estatuária. Com efeito, a bainha, que se admite ser de couro (LOPEZ CUEVILLAS, 1947, 552), costuma ser representada com maior simplicidade, definindo-se apenas pelas nervuras laterais, presilhas e ponta redonda.

Maria Manuela Martins

¹⁶ A representação do cinturão difere de estátua para estátua. O tipo que mais se assemelha ao guerreiro de S. Julião é o de S. Paio de Meixedo (Viana do Castelo), cujo desenho é publicado por F. Alves PEREIRA (1915, Fig. 1).

¹⁷ A suástica do florão apresenta normalmente 5 ou 6 raios. Os exemplares de Cabeceiras de Basto e Santo Ovídio (Fafe) possuem 5 e os de Campos (Boticas) têm 6.

¹⁸ Este tipo de suspensão é visível no guerreiro de Santa Comba (Cabeceiras de Basto) (SILVA, 1981-82, Est. I, 2) e no de S. Paio de Meixedo (Viana do Castelo) (PEREIRA, 1915, Fig. 6).

¹⁹ F. Alves Pereira publicou as dimensões dos punhais de algumas estátuas (PEREIRA, 1915, nota 2). Os das estátuas de Lesenho têm respectivamente 0,40 m e 0,38 m, o do exemplar de Meixedo 0,40 m e o de um dos guerreiros de Campos 0,38 m. O punhal da estátua de Santa Comba tem 0,64 m (ALMEIDA, 1981, 113).

3. A inscrição: paralelos e interpretações

Um dos contributos mais relevantes do achado da estátua deste guerreiro será certamente a epígrafe que traz gravada na sua *caetra* cuja análise, em consideração com os seus mais directos paralelos, estamos convencidos, nos irá permitir, para além doutros dados ir fixando o quadro da sua criação e restringindo o leque interpretativo destas manifestações artísticas tão originais e representativas da cultura castreja.

3.1. A inscrição da caetra da estátua de guerreiro de S. Julião (Fig. 5)

Malceino
Dovilonis
f(ilio)

a *Malceinus* filho de *Dovilo*

Altura das letras:

Linha 1: 1, 2, 3: 50; 4: 52; 5: 54; 6: 58; 7: 49; 8: 47 mm

» 2: 1; 2: 53; 3: 51; 4: 50; 5: 49; 6: 53; 7: 47; 8: 43; 9: 45 mm

» 3: 1: 45 mm

Espaços interlineares: 1.1/2: 130 mm; 1.2/3: 15 mm

Inscrição de três palavras organizada com simplicidade e simetria num campo epigráfico de 280 mm de largura por 275 mm de altura, e ordenado em três linhas paralelas, a primeira na metade superior da *caetra* referindo o nome do guerreiro e as outras duas sobre o *umbo* designativas da filiação, com letras de certa regularidade, relativamente mais reduzidas na margem direita no termo das palavras ao aproximar-se do limite do escudo: apenas um nexo nas duas primeiras letras *Ma* (1. 1), e sem pontos distinguentes, aliás desnecessários para marcar a separação das palavras, feita por mudança de linha.

Pelo tipo de letra, tendencialmente *quadrata* poderá datar-se do séc. I p. C., devendo ser todavia de tempos pré flavianos.

A onomástica manifesta um evidente celtismo, sugerindo uma eventual significação adequada à figura de chefe guerreiro que se representa, uma vez que *Malceinus*, sendo um nome céltico de provável função patronímica²⁰, quer dizer «filho da montanha» (ALBERTOS FIRMAT, 1966, 145) e a etimologia do nome de seu pai *Dovilo* pode relacionar-se com a ideia de «força» (ALBERTOS FIRMAT, 1966, 108), ambos quadrando bem a geografia e a história dos povos castrejos.

²⁰ Aqui na forma surda (*c*) e com infecção (*ei*) face a *Malgenus*.

Dever-se-á também assinalar com uma nota o contributo da presença, até agora inédita, destes antropónimos na área galaica entre Douro e Minho.

Com efeito, não só *Dovilo* (Est. VI), com numerosos paralelos e afins na Celtibéria, Lusitânia média e na zona astur-galaica se regista pela primeira vez nesta área²¹, mas sobretudo o mapa dos antropónimos compostos com *geno*, com base em *Malceinus* (Est. VI) e alguns outros novos dados²², revela novamente mais este importante elemento incorporado na comunidade linguística caracterizadamente céltica definida por UNTERMANN (1965, 194-195).

MALCEINUS (Est. VI)

1. S. Julião (Vila Verde, Braga): *Malceinus* — Malceino Divilonis f(ilio)
2. Braga: *Malgeinus* — Ambatus Malgeini f(ilius). RL III, Fig. 183, p. 414
3. Conimbriga (Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova, Coimbra): *Malg(einus ou enus)* — Malg(eini ou eni). Dois grafitos. FC II, 407
4. Egitânia (Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco): *Malgeinus* — Malgeini Manli f(ili). ILER 2082=5846a. Ano 16 a. C.
5. Talavera de la Reina (Toledo): *Mal[igenus]* — M(arco) Laberio Ma[ligeni] f(ilio). CIL II 912; ILER 3725.

DOVILO (Est. VI)

1. S. Julião (Vila Verde, Braga): *Dovilo* — Malceino Divilonis f(ilio)
2. Conimbriga (Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova, Coimbra): *Dovilonici* (gent.) — Lares Lubanc(i) Divilonicor(um). FC II, 11; ILER 682
3. Villanueva de la Sierra (Coria, Cáceres): *Dovilo* — Tanginus Divilon[is] f(ilius). CIL II 802; ILER 5287
4. Santiago del Campo (Novalmoral de la Mata, Cáceres): *Dovilo* — Maurus Divilonis. ILER 651,
5. Egitânia (Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Castelo Branco). *Dobiteina* — Dobiteina Maelonis f(ilia). ILER 2422
6. Herdade dos Franciscos (Garvão, Ourique, Beja): *Dovaius* — Ladronu[s] Dovai Brac[aj]rus Castell[lo] Durbede. (GOMES, no prelo).
7. Villar de Pedroso (Novalmoral de la Mata, Cáceres): *Dovaius* — Maelo Dovai f(ilius). CIL IIS 6336e; ILER 3817=6681
8. Holguera (Cáceres): *Doviraquilus* — Val(erio) Saturnini Doviraquilo (Cauri(ensi)). HAE 1398; ILER 5476

²¹ A esta área deve também reportar-se o antropónimo *Dovaius* (Est. VI) procedente da Herdade dos Franciscos, Garvão (Ourique, Beja), mas referente a um indivíduo originário de um castro situado com toda a probabilidade em Ronfe na região de Guimarães. Este dado, ainda inédito, foi-nos fornecido por Mário Varela Gomes a quem manifestamos o nosso melhor agradecimento.

²² J. Untermann reúne os antropónimos compostos com *-ceno*, *-geno*, assinalando que a Celtibéria é o centro deste tipo de composição (1965, mapa 87, 194-195) e, embora reconhecendo, a propósito de *Medugenus* (1965, mapa 55, 134-135), que se trata de onomástica comum a toda a Espanha indo-europeia, não regista qualquer elemento na região em estudo neste trabalho.

Além dos elementos constantes do mapa da Est. VI, conhecemos dois outros casos, que temos em estudo, das margens do rio Lima.

9. Coria (Cáceres): *Dobiterus* — L(ucio) Gutamo Dobiter(o). CIL II 782; ILER 6300
10. Logrosán (Cáceres): *Dobiterus* — Fuscus Dobiteri Lanciens(is). ILER 5353
11. Azután (El Puente del Arzobispo, Toledo): *Dovilici* (gent.) — Dovilig(um) (gentilitas). EE IX 135
12. Hinojosa del Duero (Salamanca): *Doviterus* — Cloutius Doviteri f(ilius). HAE 1292; ILER 2620; *Doviteina* — Doviteina Sa[e]lci. ILER 2554
13. Barruecopardo (Vitigudino, Salamanca): *Dovitena* — Dovitena Caenonis f(ilia). ILER 2844
14. Fresnadillo (Bermillo, Zamora): *Doviterus* — Dovitero. ILER 803
15. Valmartino (León): *Dovidena* — Dovid[e]na] Ara(ni) f(ilia). CIL IIS 5714; ILER 6349
16. Sorribas (León): *Doiderus* — Bodero Bodines Doideri. CIL IIS 5711; ILER 4227
17. Vadinia (León): *Doiterus* — Munim(entum) Tedi Vicani Vadiniensis Doiteri f(ili). ILER 3492
18. Armada (Boñar, León): *Doiderus* — M(onumentum) Abionno Taurino Doideri f(ilio) V(adi-niensi). CIL IIS 5708; ILER 5434 : *Doiderus* — Virono Tauro Doideri f(ilio) Vad(ieniensi). CIL IIS 5720; ILER 5438
19. Pedrosa del Rey (Riaño, León): *Doiterus* — Doiterus. CM León 43
Crémenes (idem): *Doiderus* — Doiderus. CM León 44
Argovejo (idem): *Doiderus* — Doiderus. CM León 45; ILER 5432
20. Aguilar de Campóo (Palencia): *Dovidena* — Dovidena Caledige. CIL IIS 6299; ILER 4777; *Doidi*(?) — Doidi(?). EE VIII 159
21. Sales (Colunga, Oviedo): *Doiderus* — Doidero Amb(ati) fil(io). CIL IIS 5751; ILER 3501
22. Soto de Cangas de Onís (Oviedo): *Dovidena* — Dovidena. CIL IIS 5744; ILER 5855
23. Luriego (Liébana, Santander): *Doiderus* — Doiderus. ILER 3505
24. Monte Cijlá (Santander): *Doide*(ra?) — Doide(ra?) Tridia. HAE 2081; ILER 773
25. Pancorbo (Burgos): *Doidena* — Doidena. EE VIII 172
26. Marañón (Viana, Pamplona): *Doitena* — Doitena Ambati Celti f(ilia). EE VIII 167; ILER 4746
27. Santa Eulalia de Castro de Escuadro (Maceda, Orense): *Dovaecia* — Apronia Rufa Dovaeciae Paternae f(ilia). IRG IV 116; ILER 6291

3.2. *A inscrição da estátua de guerreiro do Castro de Rubiás (Celanova, Orense) (CIL II 2519; ILER 2226).*

A identidade estrutural da epígrafe do guerreiro de S. Julião com a que vem sendo atribuída à da estátua desaparecida do castro de Rubiás (Celanova, Orense) poderá certamente autorizar-nos a confirmar as suposições de que o suponte da inscrição era a *caetra* do guerreiro (HÜBNER, 1871, 108), tornando-se deste modo o seu paralelo mais aproximado.

A inscrição, que se desenvolvia em duas linhas, com leitura e tradução

Adrono
Veroti. f(filio)

A *Adronus*, filho de *Verotus*

não envolve problemas especiais, a menos que queiramos considerar a hipótese de o primeiro antropónimo ter sido precedido por um L, isolado ou em nexa, que podia muito bem não ter sido reconhecido donde resultaria mais um testemunho

do antropónimo indígena *Ladronus* característico desta região onde conta já com uma presença significativa²³.

Esta versão, que reafirmamos meramente hipotética pelo facto de não poder ser confirmada documentalmente devido ao desaparecimento da peça, poderia ter a seu favor, além da existência de vários paralelos, o benefício eventual de um significado relacionado com a sua função guerreira, à maneira de *latro*, com significado específico de «guerrilheiro», conforme parece ser a interpretação mais ajustada²⁴.

De qualquer forma, não deixa de ser curioso verificar que o nome de seu pai *Verotus* = *Virotus*, com nome base mais provável i. é. *uíros conexo com a ideia de «força», «virilidade»; presente em inúmeros casos de que Viriato poderá ser o mais conhecido²⁵, de novo se aproxima do sentido das primeiras etimologias²⁶.

3.3. *A inscrição da caetra da estátua de guerreiro de Santa Comba (Cabeceiras de Basto) (Est. IV-2).*

É o terceiro paralelo da inscrição da estátua do guerreiro de S. Julião²⁷.

²³ São cinco os testemunhos seguros até ao momento, e em exclusivo, referenciados no N. de Portugal. Aos exemplares conhecidos de Monte Mozinho (Penafiel, Porto), Castro de Alvarelhos (Santo Tirso, Porto) e Cárquere (Resende, Viseu) (SILVA, 1980, 85 e 1982, 391), devemos somar o referido no n.º 6 da Est. VI (Cfr. nota 21 e um novo exemplar referenciado numa ara funerária dedicada a *Materna* filha de *Ladronus* (Materne/Ladroni) encontrada no lugar do Paço de Lago (Amares, Braga) e que foi interpretada, com rara infelicidade, pelo seu achador como uma inscrição votiva a partir de uma leitura invertida do monumento (D. M. SILVA, Mais uma divindade indígena sob domínio romano, *Jornal O Cávado*, de 2/7/1981, 5-7).

²⁴ Desde J. L. VASCONCELOS (1913, 118, nota 1).

²⁵ Preferimos, entre as várias hipóteses formuladas, como a de A. TOVAR (1949, 56) que o relaciona com a raiz de superlativo **uper* que dá em celta *ver-* presente em *Ver-cingeto-rix*, «rei, supremo dos guerreiros», (Cfr. A. BLANCO FREIJEIRO, 1958, 156-158) a de M. PALOMAR LAPESA (1960, 358), seguida por M. L. ALBERTOS FIRMAT (1966, 250-252), que consideramos mais natural e com base linguística mais consistente.

²⁶ A manter-se o vocábulo tradicional, com um paralelo de Braga (CIL II 2430), o seu sentido será absolutamente diferente podendo radicar num significado possível de carácter hidronímico ou então relacionado com a palavra «casa» e o conceito de «permanência» (Cfr. ALBERTOS FIRMAT, 1966, 8).

²⁷ O seu estudo foi por nós apresentado em primeira mão numa comunicação intitulada «Novos dados sobre a organização social castreja» ao III Colóquio de Línguas e Culturas Paleohispânicas realizado em Lisboa em Novembro de 1980. O seu texto foi em devido tempo entregue para publicação nas actas do respectivo Colóquio, sendo entretanto por nós publicado nos mesmos termos (SILVA, 1981-82, 83-84), atendendo o atraso que se vem verificando quanto à sua edição.

Do texto

Artif-ices
Calvbrigens
es.e(x)s.Albinis
f(aciendum).c(uraverunt)

mandaram fazer (este monumento) os artistas calubrigenses dos Albini,

sobressaem, diferentemente das anteriores, os autores da dedicação, que tentamos identificar no citado estudo, e não a figura representada, sendo por nós interpretado, com base na análise epigráfica em conexão com dados iconográficos, e preferindo um sentido mais próximo da etimologia, que este monumento poderá fazer supor a existência de grupos de artistas ambulantes ligados à realização deste género de estatuária (SILVA, 1981-82).

Esta nossa impressão mais aparece reforçada ao verificarmos que no quadro profissional da epigrafia latina geral e peninsular, são normalmente utilizados vocábulos com significação específica de certo modo restrita²⁸, como é o caso de *architectos* = arquiteto (CIL II 2559 = CIL IIS 5639 e ILER 250) e *lapidarius* = canteiro²⁹ para profissões ligadas à construção de obras eventualmente concorrentes do vocábulo do texto, não podendo entender-se senão como uma grande excepção a utilização do termo *artifices* com significado genérico de «artífices/artistas/artesãos», que julgamos não poder testemunhar na nossa região.

3.4. *A dupla inscrição da estátua de guerreiro de S. Paio de Meixedo (Viana do Castelo) (CIL II 2462 = CIL IIS 5611) (Est. V).*

A observação atenta da estátua de S. Paio de Meixedo, exposta no Museu Municipal de Viana do Castelo, tornou-se em ocasião de agradável surpresa ao evidenciar-se como um contributo fundamental para uma versão diferente da que

²⁸ ILER, 5692-5751, pp. 522-527 e ALARCÃO *et alii*, 1979, 14-15, aqui sobretudo as notas sobre a actividade escultórica.

²⁹ Assim entendemos para este período a profissão de *lapidarius*, divergindo da sua interpretação como «fabricante de camafeus ou pedras para anéis sigilários» conforme A. Viana a propósito da inscrição do castro de Santo António (Afife) (1955, 525-528), que, de acordo com a nossa análise do monumento, poderá restituir-se com a leitura e tradução seguintes:

[?] *Epeicius* / [l]apidarius / [m]ureta.effecit

[?] *Epeicius* canteiro construiu as muralhas.

Para esta versão, que, além da correcção do antropónimo, nos colocaria perante um caso concreto de trabalho tipicamente castrejo, não conhecemos óbices de ordem linguística contra a aceitação do vocábulo reconstituído *mureta*, de preferência a *dureta* (VIANA, id., *ibid.*) para cuja formação poderiam ter convergido a afinidade com *murus* e a forma plural neutra de *moenia* com idêntico significado de muralhas.

vinha sendo na prática sistematicamente repetida, com variantes de pormenor, desde E. HÜBNER (1871, 104-107), J. Leite de VASCONCELOS (1913, 49-53) e A. TRANOY (1981, 351).

Com efeito, da nossa análise se conclui com clareza que não se trata de um único texto mas de duas inscrições gravadas em áreas próprias, uma frontal colocada no saio e outra lateral direita no saio e na coxa, ordenadas em planos diferentes, sendo nítida uma falta de alinhamento geral, e com dimensões, tipo de letra e sistemas de filiação bem diversos, tudo isto a manifestar dois momentos distintos de execução.

Tal não significa que, com estas observações tenhamos ultrapassado os inúmeros problemas sobretudo decorrentes dos maus tratos e do elevado grau de erosão a que esta estátua esteve sujeita e que dificultam sobremaneira a sua leitura.

De qualquer modo, considerando estes factores, a nossa versão, cheia de interrogações, é a seguinte.

a) Inscrição frontal

Clodame
Corocavdi
f(ilio) Se [stio?]

a *Clodamus Sestio* (?), filho de *Corocaudius*

Campo epigráfico: 34 (larg.) × 22 cm (alt.)

Altura das letras:

Linha 1: 1:51; 2: 41; 3: 40; 4,5: 51; 6: 48; 7: 55 mm

» 2: 1,2: 40; 3,4,5: 42; 6,7: 50; 8: 39; 9: 45 mm

» 3: 1: 54 [...] mm

Espaços interlineares: 1. 1/2: 13; 1. 2/3: 16 mm

Letra quadrangular, provavelmente da 1.^a metade do séc. I p. C. com um ponto distintivo na 3.^a linha.

b) Inscrição lateral

L(ucius) . Sesti
vs. *L(ucii) . L(ibertus?) . Coroc*
vdivs
Contv (bernalis?)
5 frater

L(ucius) Sestius Corocudius, liberto de *Lucius* (?),
irmão (familiar, amigo) e camarada (mandou fazer) (?)

Campo epigráfico: 21 (larg.) × 41 cm (alt.).

Altura das letras:

Linha 1: 1: 50; 2: 64; 3: 69; 4,5: 75; 6: 66 mm

» 2: 1: 53; 2: 54; 3: 45; 4: 53; 5: 54; 6: 52; 7: 55; 8: 45 mm

» 3: 1: 68; 2: 66; 3: 57; 4: 65; 5: 59 mm

» 4: 1: 54; 2: 49; 3: 52; 4,5: 53 mm

» 5: 1: 54; 2: 61; 3: 55; 4: 50; 5: 54; 6: 55 mm

Espaços interlineares: 1. 1/2: 12; 1. 2/3: 15; 1. 3/4: 60; 1. 4/5: 28 mm.

Tipo de letra alongada, mais tardia, eventualmente da época flávia, com quatro pontos distintivos a separar as palavras da mesma linha (1. 1: um; 1. 2: três); sistema de filiação romano com *tria nomina*.

Como observa Palomar Lapesa (1960, 358), seguida por M. L. Albertos Firmat, seguindo leituras anteriores (1966, 89-91)³⁰, temos no nome do guerreiro de Meixedo, *Clodamus*, um superlativo derivado da forma sonorizada do radical *Clot-*, reduzido de *Clout*, da raiz i-e **Kleu*, «famoso», «célebre», «íncrito» frequente na antroponímia indo-europeia.

No outro nome, que segundo a nossa leitura parece ser uma forma provavelmente composta *Coroc + audi/udius*, em genitivo designando a filiação na parte frontal e em cognome na face lateral, é óbvia a referência no primeiro elemento ao radical *coro-* ligado à forma *i-e **Koros*, «exército», «povo» (ALBERTOS FIRMAT 1966, 97) talvez melhor dizendo, «povo em armas», bem testemunhada na área castreja na onomástica pessoal³¹, gentilícia³² e religiosa³³, sendo igualmente o segundo elemento de raiz indo-europeia bem documentado nos dialectos célticos com o significado de «senhor».

Ao realçarmos, neste momento, a importância do significado conjunto deste vocábulo como «senhor do exército», na mais perfeita adequação do significado, cumpre-nos também assinalar a curiosidade da coincidência entre as formas linguísticas desta inscrição (*Audius*, frontal/*Udius*, lateral) e o paralelo céltico da forma *udđ* (**audos*), «senhor» do dialecto galês (ALBERTOS FIRMAT 1966, 44)³⁴, tornando-se assim desnecessária qualquer restituição ou correcção para confirmar a identidade do termo em análise.

Já a relação sugerida por A. TRANOY (1981, 351) como que retomando E. HÜBNER (1971, 105), entre o nome latino da inscrição lateral *L. Sestius* e a

³⁰ Cfr. Também, sobre o mesmo significado, J. L. VASCONCELOS, 1905, 331.

³¹ Cfr., Vg.: CIL IIS 5595 (*Coroneri*, Cifânia de Briteiros, Guimarães, Braga); CIL II 2376 (*Corollea*, Várzea do Douro, Marco de Canavezes, Porto); CIL IIS 5511=2462 (*Corocaucus* e *Corocus*, Viana del Bollo, Orense).

³² Cfr., Vg.: A. C. F. SILVA, (1981-1982, 87-88, 92-93, Est. V) sobre *Coroq...* em quatro marcos divisórios da Veiga de Chaves e CIL II 2745 (*Coronicum*, Segóvia).

³³ CIL IIS 5562 (*Corono*, Cerzedelo, Guimarães, Braga); P. LE ROUX e A. TRANOY (LE ROUX, 1974, 252-254) (*Nabia Corona*, Marecos, Penafiel, Porto).

³⁴ Cfr. também paralelo do dialecto bretão.

expedição do governador *L. Sestius Quirinalis* datável de 22-19 a. C. parece não ter apoio da cronologia por nós proposta, e que se nos afigura genericamente ajustada, fazendo distanciar largamente ambos os episódios.

4. Observações finais

Com estes documentos permitimo-nos umas breves notas sobre a situação cronológica e a interpretação cultural destes testemunhos, reservando para outro momento a abordagem global do tema.

1. A existência destas inscrições latinas, que de modo algum se podem considerar aditamentos anacrónicos, faz reportar este género de estatuária a um momento de difusão da escrita na região tornando-se um índice explícito de uma situação muito avançada no âmbito dos parâmetros cronológicos da cultura castreja, correspondente à sua fase tardia conectada com a romanização.

A uniformidade genérica assinalada pelo claro «ar de família», sistematicamente reconhecido ao conjunto das estátuas de guerreiro, que se torna em bloco o motivo escultórico de longe mais representativo da área meridional castreja, mais as faz restringir a um período de concepção não muito dilatado face a uma identidade geral de motivações, cujas origens se deverão procurar, em todo o caso no interior do próprio mundo da simbólica indígena.

Em anterior publicação (SILVA, 1981-82, 87), já sugerimos a propósito da estátua de Santa Comba de Basto, a atribuição desta estatuária a grupos de artistas, que entendemos ambulantes, o que muito bem poderia explicar as diferenças principais adentro de um parentesco comum.

De qualquer forma, a consideração do seu teor geral, o sentido das proporções, o desenho de certas particularidades anatómicas mais evidentes nos traços de alguns rostos, a figuração das armas e de elementos do vestuário, face à dificuldade de tratamento da matéria-prima em que foram lavradas, evidencia o carácter relativamente evoluído destes monumentos, mais os fazendo obras de artistas, em confronto com o carácter rude, grosseiro e fruste que a generalidade das outras espécies escultóricas castrejas manifesta.

2. Os dados linguísticos das inscrições patentes nestas estátuas transmitem uma onomástica, quase em absoluto indígena e circunscrita, no âmbito da celtização, ao conjunto linguístico lusitano-galaico correspondente à área II/III de UNTERMANN (1965, 194-195, mapa 87), mostrando uma adequação do seu significado à figura representada, em terminologia que ora invoca o seu prestígio, ora a vincula a conceitos e instituições típicas da cultura dos castros.

Todavia, se esta linguagem cumpre de certo modo uma forma significativa da hierarquia da função guerreira dos povos castrejos, sugerindo para estas representações algo de simbólico, abstractizante e geral, também patente no hieratismo

das estátuas, a sua análise específica não deixa também de reflectir momentos reais, concretos e diversos.

Não poderá, com efeito, ser entendida de outro modo a individualização nominal dos guerreiros com referências familiares, do género fulano, filho de cícrano (S. Julião, Rubiás, Meixedo), a referência possível à camaradagem militar (Meixedo) ou a dedicação feita a um chefe guerreiro local por um grupo determinado de artistas, conforme nos é transmitido pela epigrafia, e com correspondência em dados iconográficos de alguns monumentos, designadamente os rostos perviventes (Boticas, Sanfins, Capeludos, Roriz, Vila Flor) e as particularidades de cada peça mesmo no interior de cada grupo, a denunciar mais o retrato que uma concepção simbólica geral.

3. Neste passo e por esta via, de novo nos afastamos da interpretação funerária destes monumentos ainda seguida em estudos recentes (TRANOY, 1981, 351) e que se reporta aos primeiros ensaios sobre o tema da autoria de E. HÜBNER (1871, 108), P. PARIS (1904, 64-73) e J. Leite de VASCONCELOS (1913, 43-62), mais ou menos baseados em supostos paralelos do mundo indo-europeu, designadamente célticos e clássicos, mas laborando no desconhecimento absoluto das práticas funerárias castrejas que a arqueologia nos tem vindo a documentar para o mesmo período cronológico e na mesma área geográfica e cultural⁸⁵.

Mais nos entendemos próximos de F. Alves PEREIRA (1908) quando, no princípio do século, aponta para a sua interpretação como heróis divinizados. Mas às suas razões, em geral de ordem dedutiva a partir de paralelos estranhos, julgamos todavia acrescentar elementos mais positivos, como é o argumento arqueológico fundamental retirado da descoberta da implantação original de um desses monumentos dominando a entrada principal de um importante povoado como é a citânia de Sanfins (SILVA, 1981-82, 90) e a evidência do carácter honorífico que este tipo de inscrições manifesta, em consideração à estrutura epigráfica e suporte onde se ostentam, tudo fazendo convergir para entendermos tão original forma de expressão artística como manifestação clara e sugestiva de uma função heroizada de tutela, que podemos supor estar conexas com o culto dos chefes, de raiz documentadamente antiga no mundo indígena peninsular bem demonstrada por R. ÉTIENNE (1974), e porventura também cumulativamente com a glorificação dos antepassados própria de sociedades organizadas com base nos laços de sangue como era a sociedade castreja.

Armando Coelho F. da Silva

⁸⁵ Veja-se a este respeito A. GARCIA Y BELLIDO (1966, 5-24) e A. C. F. SILVA (1981, 303-315). Podemos referir a existência de outros dados de escavações nossas na Cividade de Âncora (Caminha, Viana do Castelo) a publicar brevemente.

ABREVIATURAS

CIL II = *Corpus Inscriptionum Latinarum* (HÜBNER, 1869).

CIL II S = *Corpus Inscriptionum Latinarum, Supplementum* (HÜBNER, 1892).

CM León = Catálogo Monumental de León (GOMEZ MORENO, 1925).

EE = *Ephemeris Epigraphica* (HÜBNER, 1898 e 1905).

FC = Fouilles de Conimbriga (ÉTIENNE, 1976).

HAE = *Hispania Antiqua Epigraphica* (1950-1969).

ILER = Inscripciones Latinas de la España Romana (VIVES, 1971-72).

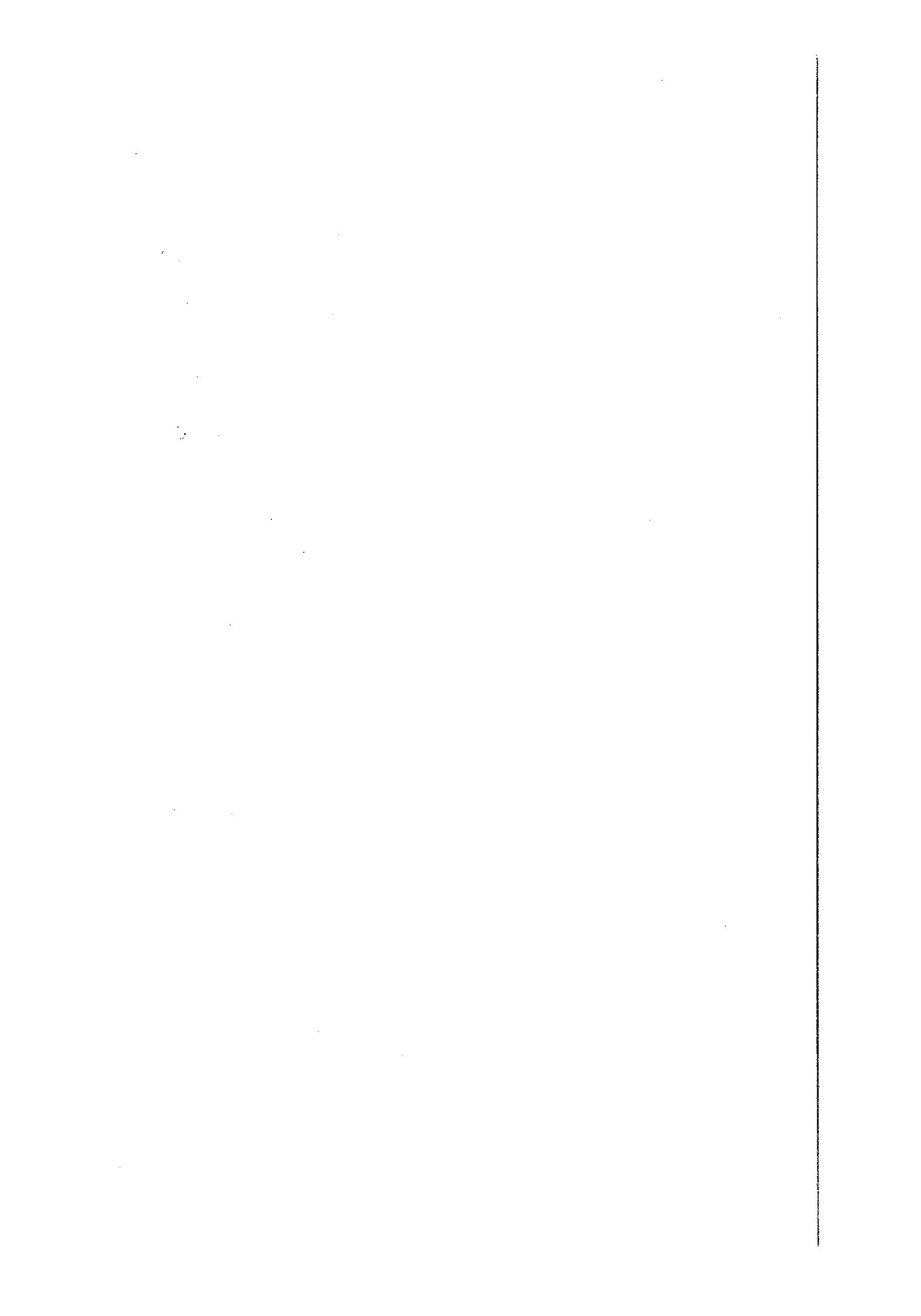
IRG = Inscripciones Romanas de Galicia (LORENZO FERNANDEZ, 1968).

RL = Religiões da Lusitânia (VASCONCELOS 1913).

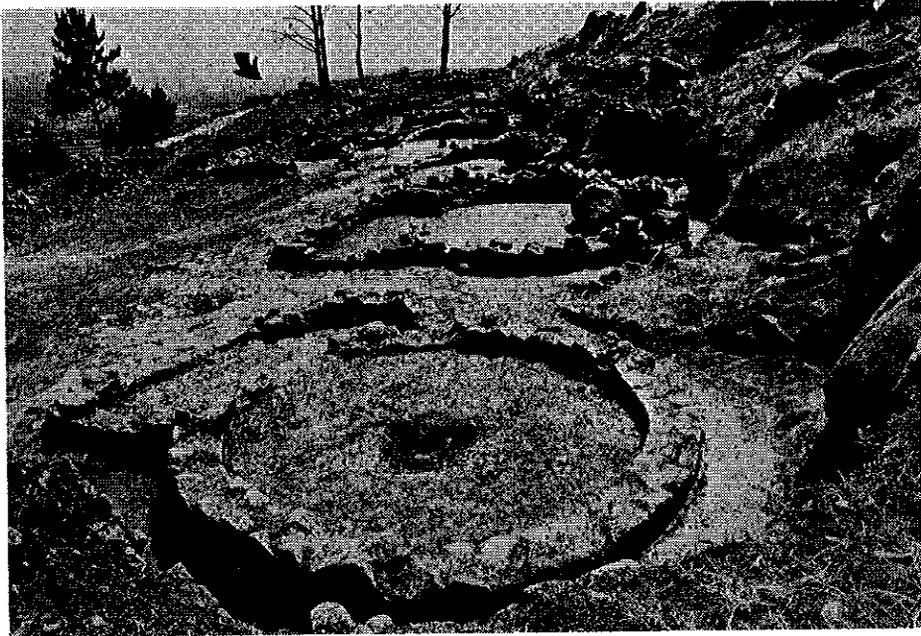
BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de, *et alii*, 1979, *Fouilles de Conimbriga*, VII, Diffusion du Bocard, Paris.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de, 1981, Nova estátua de guerreiro galaico-minhoto (Refojos de Basto), *Arqueologia*, n.º 3, Porto, pp. 111-116.
- ALBERTOS FIRMAT, M. L., 1966, *La onomastica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Betica*, Salamanca.
- BELINO, Albano, 1909, Cidades Mortas, *O Arqueólogo Português*, 14 (1/8), Lisboa, pp. 6.
- BLANCO FREIJEIRO, A., 1958, En torno a las joyas de Lebução, *Revista de Guimarães*, LXVIII, Guimarães, pp. 155-196.
- COSTA, Carvalho da, 1868, *Corografia Portuguesa*, I, 2.ª edição, Braga, pp. 216.
- ÉTIENNE, Robert, *et alii*, 1976, *Fouilles de Conimbriga*, II, Diffusion du Bocard, Paris.
- ÉTIENNE, Robert, 1958, *Le culte impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien*, Paris.
- FONTES, Joaquim, 1916, La Station de S. Julião aux environs de Caldelas, *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*, VII, Lisboa, pp. 198.
- FREITAS, João de, 1971, Citânia de S. Julião de Caldelas, *O Arqueólogo Português*, V, 3.ª série, Lisboa, pp. 133-138.
- GARCIA Y BELLIDO, A., 1966, O problema dos enterramentos na cultura castreja, *Revista de Guimarães*, LXXVI, Guimarães, pp. 5-24.
- GOMES MORENO, 1925, *Catálogo Monumental de Léon*, Madrid, 1950-1969, *Hispania Antiqua Epigraphica*, I-XX, Madrid.
- HÜBNER, Emile, 1869, *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Berlim.
- Idem, 1871, *Notícias Archeológicas de Portugal*, Lisboa.
- Idem, 1892, *Corpus Inscriptionum Latinarum, Supplementum*, Berlim.
- Idem, 1898, *Ephemeris Epigraphica*, VIII, Berlim.
- Idem, 1905, *Ephemeris Epigraphica*, IX, Berlim.
- LEAL, Pinho, 1874, *Portugal Antigo e Moderno*, II, Lisboa, pp. 44.
- LE ROUX, P., A. Tranoy, 1974, Contribution à l'étude des régions rurales du N.O. hispanique au Haut-Empire: deux inscriptions de Penafiel, *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, pp. 249-258.
- LOPEZ CUEVILLAS, F., 1951, Esculturas zoomorfas y antropomorfas de la cultura de los castros, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, VI (19), Santiago de Compostela, pp. 177-203.
- Idem, 1953, *La civilización celta en Galicia*, Seminario de Estudios Gallegos, Santiago de Compostela.
- LORENZO FERNANDEZ, J., *et alii*, 1968, *Inscripciones Romanas de Galicia*, IV, Santiago de Compostela.
- PAÇO, Afonso do, 1966, Citânia de Mosinho (Penafiel) I — Escultura de guerreiro galaico, *Lucerna*, V, Porto, pp. 555-560.
- PALOMAR LAPESA, M., 1960, Antroponímia Prerromana, *Enciclopédia Linguística Hispânica*, I, Madrid, pp. 347-387.
- PARIS, Pierre, 1904, *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne Primitive*, I, Paris.
- PEREIRA, F. Alves, 1908, Novo material para o estudo da estatuária e arquitectura dos castros do Alto Minho, *O Arqueólogo Português*, XIII, Lisboa, pp. 203-244.
- Idem, 1915, Novas figuras de guerreiros lusitanos descobertos pelo Dr. Figueiredo da Guerra, *O Arqueólogo Português*, XX, Lisboa, pp. 1-16.

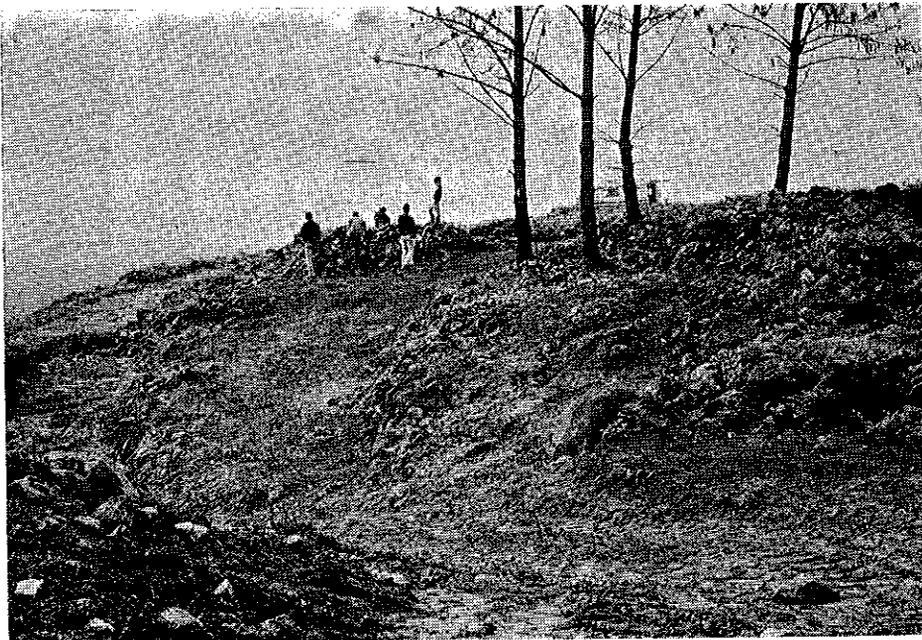
- SANTOS JUNIOR, J. R. dos, 1978, A estação arqueológica de Vilarelhos e a cabeça de guerreiro lusitano, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XXIII, Porto, pp. 348-350.
- SILVA, A. Coelho F., 1980, Organizações gentílicas entre Leça e Ave, *Portugália*, N.S., I, Porto, pp. 79-90.
- Idem, 1981, Campanha de trabalhos arqueológicos na Cividade de Terroso (Póvoa de Varzim) 1980, *Boletim Cultural-Póvoa de Varzim*, XX, pp. 303-315.
- Idem, 1981-82, Novos dados sobre a organização social castreja, *Portugália*, N.S., II-III, Porto, pp. 83-94.
- Idem, 1982, Organizações gentílicas entre Leça e Ave, *Actas do Colóquio de História Local e Regional (Santo Tirso — 1979)*, Santo Tirso, pp. 381-405.
- TEIXEIRA, Carlos A., et alii, 1975, *Carta Geológica de Portugal. Notícia Explicativa da Folha 5-B*, Ponte da Barca, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- TOVAR, A., 1949, *Estudios sobre las primitivas Lenguas Hispanicas*, Buenos Aires.
- TRANOY, Alain, 1981, *La Galice Romaine. Recherches sur le nord-ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*, Diffusion du Boccard, Paris.
- UNTERMANN, J., 1965, *Elementos de un Atlas antroponímico de la Hispania Antiqua*, Bibliotheca Praehistórica Hispana, VII, Madrid.
- VASCONCELOS, J. L., de 1905, 1913, *Religiões da Lusitânia*, II, III, Lisboa.
- VIANA, Abel, 1955, Um «lapidarius» de Afife (Viana do Castelo, Portugal), *III Congreso Nacional de Arqueologia (Galicia, 1953)*, Zaragoza, pp. 525-528.
- VIVES, J., 1971-72, *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona.



ESTAMPA I



1 Perspectiva da plataforma onde foi detectada a estátua do guerreiro.



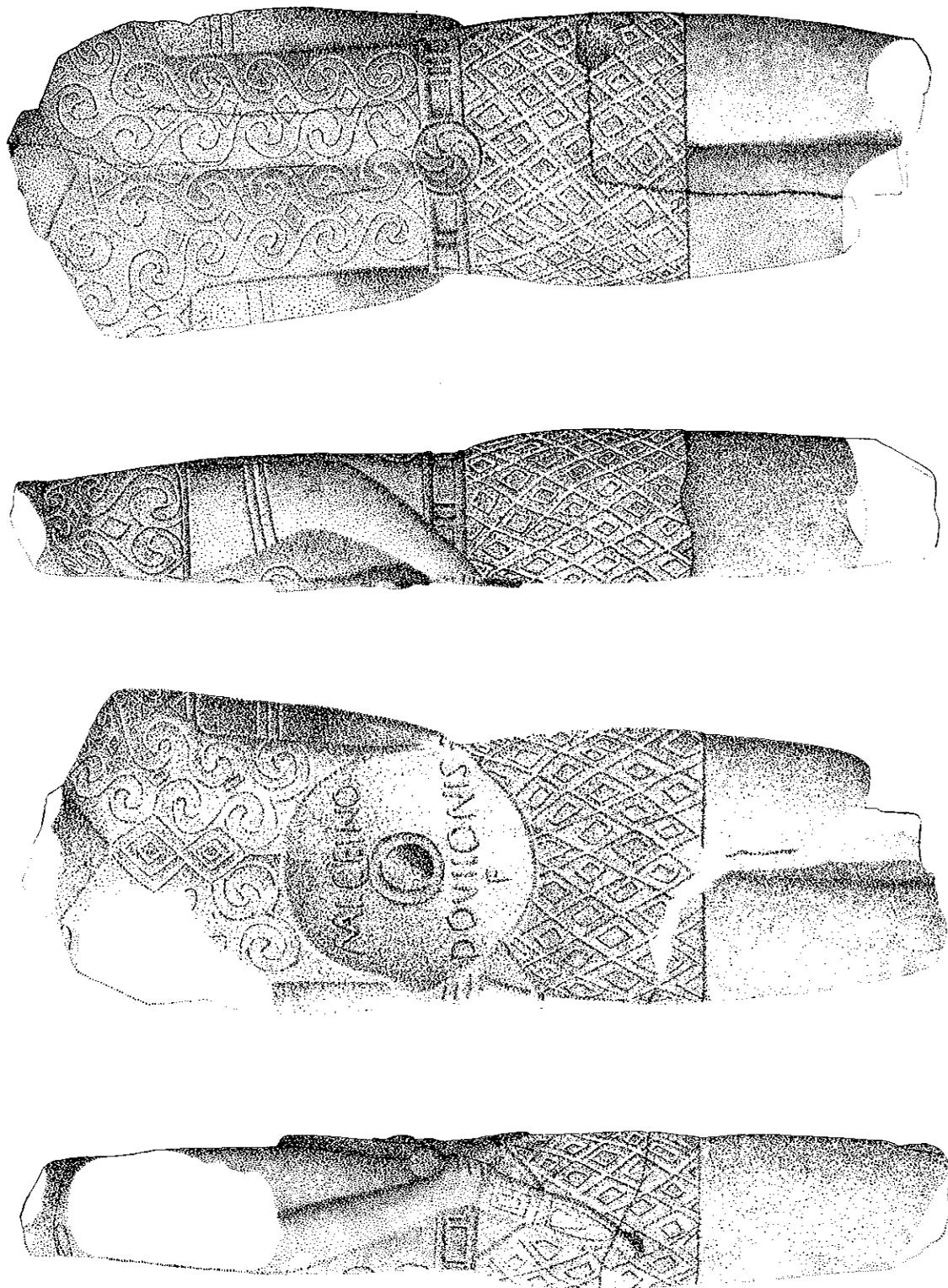
2 Pormenor do sítio onde foi encontrada a escultura.

ESTAMPA II



A estátua do guerreiro de S. Julião. (Esc. 1:10).

ESTAMPA III



Levantamento em desenho das quatro faces do monumento (Esc. 1:10).

ESTAMPA IV



1 Pormenor da inscrição do escudo do guerreiro de S. Julião.
(Esc. 1:5).



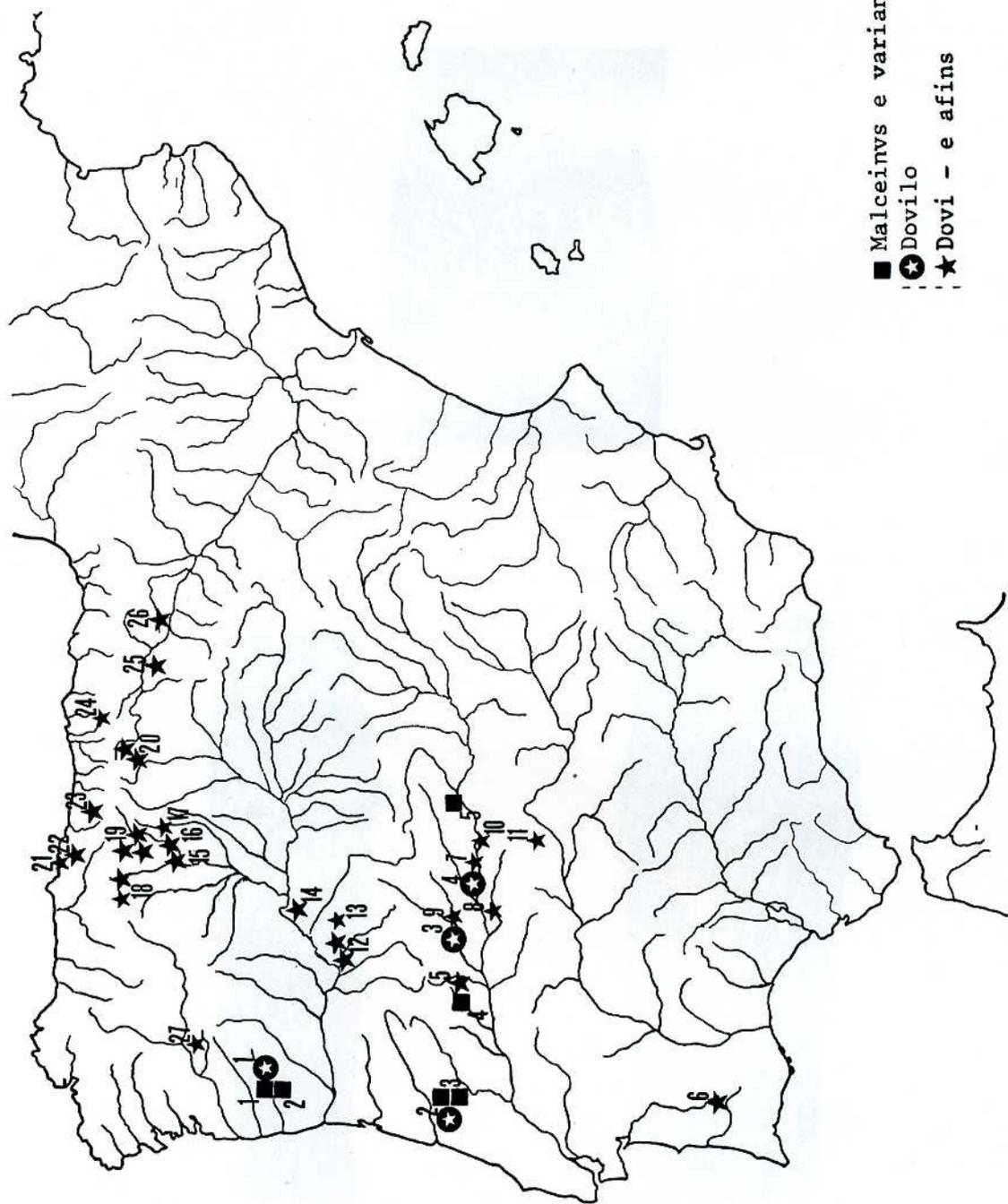
2 Aspecto do escudo do guerreiro de Santa Comba, Cabeceiras de Basto. (Foto de A. C. da Silva).

ESTAMPA V



Perspectivas das inscrições frontal e lateral da estátua, do guerreiro de S. Paio de Meixedo, Viana do Castelo. (Fotos de A. C. da Silva).

ESTAMPA VI



- Malceinvs e variantes
- ⊗ Dovilo
- ★ Dovi - e afins

Mapa da distribuição dos nomes *Malceinvs* e *Dovilo*.